



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA- UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL - ICHPO/UFU
CURSO DE HISTÓRIA

STEFANIE KATHLEEN DE SOUSA QUINTINO

A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL NO YOUTUBE: uma análise dos canais
Historiar-se e Historiô (2018-2020)

ITUIUTABA – MG
2022

STEFANIE KATHLEEN DE SOUSA QUINTINO

A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL NO YOUTUBE: uma análise dos canais
Historiar-se e Historiô (2018-2020)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia – ICHPO/UFU –, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em História, sob a orientação da Prof^ª. Dr^º. Wellington Amarante Oliveira

ITUIUTABA – MG
2022

STEFANIE KATHLEEN DE SOUSA QUINTINO

A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL NO YOUTUBE: uma análise dos canais
Historiar-se e Historiô (2018-2020)

Ituiutaba, 31 de março de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Wellington Amarante Oliveira - Orientador

Prof. Dr. Giliard da Silva Prado - ICHPO/UFU

Profª Drª Fabiula Sevilha de Souza – UFRN

*Ao meu companheiro de vida Carlos
Henrique, dedico este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aos meus pais Dalciria e Wagner, pelo apoio desde que ingressei na graduação e o meu irmão Alisson, pelos conselhos e incentivo nos meus estudos.

Agradeço ao meu companheiro Carlos Henrique, que durante esses 5 anos que nos conhecemos, compartilhou comigo os melhores momentos e me apoiou nas dificuldades. Sua maneira tranquila e amorosa de levar a vida é algo admirável. Eu te amo!

Aos meus três gatos Tom, Frida e Bart por alegrar os meus dias e me manterem motivada nos dias difíceis. As melhores companhias, amo vocês!

Gostaria de agradecer ao meu orientador Wellington Amarante, por todo aprendizado e dedicação na elaboração desta monografia, foi um grande desafio escrever durante a pandemia, sendo paciente e compreensivo quando precisei. Muito obrigada por me orientar neste momento tão importante na vida. Um grande abraço!

Aos meus amigos Livia Boer, Bianca Oliveira, Giulia Nabi e Pedro Vilela, vocês foram fundamentais para conclusão deste trabalho, obrigada por todos os conselhos, conversas, diversão e as comemorações nos bares e em repúblicas. Apesar da distância, nossa amizade continua e sei que vamos nos encontrar novamente. Amo vocês!

Agradeço aos meus professores do Curso de História Campus Pontal: Angela Aparecida Teles, Aurelino José Ferreira Filho, Carlos Eduardo Moreira de Araújo, Dalva Maria de Oliveira Silva, Geovanna de Lourdes Alves Ramos, Marco Antônio Cornacioni Sávio, Newman Di Carlo Caldeira, Sandra Alves Fiuza e Walkiria Oliveira Silva, que contribuíram para o meu aprendizado. Muito obrigada!

Agradeço ao professor Giliard Prado e a professora Fabiula Sevilha por aceitarem em participar da minha banca de defesa. Um grande abraço!

Agradeço a toda equipe do Residência Pedagógica e em especial, a professora Luana Regina Mendes Rafael, por todo apoio e a dedicação ao projeto que sem dúvidas contribuiu para minha formação e o desejo de seguir na carreira docente. Um grande abraço!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2 - O DEBATE SOBRE A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL E O OFÍCIO DO HISTORIADOR.....	15
2.1 - A divulgação de história no <i>YouTube</i>	24
2.2 - A autoridade do historiador na Internet	29
2.3 - Os desafios e possibilidades da divulgação de História no <i>YouTube</i>	32
3- <i>HISTORAR-SE E HISTORIÔ: CARACTERIZAÇÃO, FORMATOS, TEMÁTICAS E RECEPÇÃO</i>	37
3.1 - Os formatos de Divulgação de História no <i>Historiar-se e Historiô</i>	42
3.2 - Com quantos temas se faz História Pública?	52
3.3 - Recepção do público	65
4- CONCLUSÃO	73
5 - REFERÊNCIAS	76

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do canal Historiar-se	p.36
Figura 2 – Abertura do canal Historiar-se	p.37
Figura 3 – Capa do canal Historiô	p.39
Figura 4 – Abertura do canal Historiô	p.40
Figura 5 – Abertura do canal Historiô	p.40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Episódios no formato “entrevista	p.41
Quadro 2 – Episódios do formato “Visitas”	p.41
Quadro 3 – Episódio no formato “resenha”	p.42
Quadro 4 – Episódios no formato “Sujeitos da História”	p.43
Quadro 5 – Episódios no formato “lista”	p.44
Quadro 6 – episódio no formato “dicas”	p.45
Quadro 7 – Episódios no formato “análise histórica”	p.45
Quadro 8 – Episódios no formato “comentário”	p.46
Quadro 9 – Episódios no formato “documentário”	p.46
Quadro 10 – Episódios no formato “identidade do canal”	p.47
Quadro 11- Episódios no formato “Educação”	p.47
Quadro 12 – Vídeos do Historiar-se sobre História Política	p.49
Quadro 13 – Vídeos do Historiô sobre História Política	p.50
Quadro 14 – Vídeos sobre História e Gênero do Historiar-se	p.52
Quadro 15 – Vídeos sobre História e Gênero do Historiô	p.53
Quadro 16 – Episódios com a temática “Ensino de História” Historiar-se	p.54
Quadro 17 – Vídeos sobre História do Tempo Presente Historiar-se	p.56
Quadro 18 – Vídeos sobre História do Tempo Presente Historiô	p.56
Quadro 19 – Vídeos sobre História e a religiosidade Historiô	p.57
Quadro 20 – Vídeos na área de Museus Historiar-se	p.58
Quadro 21 – Vídeos na área de Museus Historiar-se	p.59
Quadro 22 – Vídeos na área de História Regional e Local Historiô	p.60
Quadro 23 – Recepção do público Historiar-se	p.62
Quadro 24 – Recepção do público Historiô	p.63

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar a divulgação de História através dos canais Historiar-se e Historiô disponíveis na plataforma *YouTube*. Desta forma, cabe pontuar, as discussões em torno da História Pública e a construção de novos espaços para divulgação de História através do viés da História Digital. Desse modo, esperamos contribuir para a compreensão dos possíveis espaços de atuação de historiadoras e historiadores na divulgação do conhecimento histórico para um amplo público.

Palavras-chaves: História Pública, História Digital, divulgação de História, YouTube

ABSTRACT

This monograph aims to present the dissemination of History through the channels "*Historiar-se*" and "*Historiô*" available on the *YouTube* platform. In this way, it is worth mentioning the discussions around Public History and the construction of new spaces for the dissemination of History through the bias of Digital History. In this way, we hope to contribute to the understanding of the possible spaces of action of historians in the dissemination of historical knowledge to a wide audience.

Keywords: Public History, Digital History, History dissemination, *YouTube*

1. INTRODUÇÃO

O rápido desenvolvimento dos computadores, *tablet*, *smartphone* e da internet nos últimos 30 anos, impactou diversos setores da sociedade, estas transformações foram observadas por filósofos como Pierre Lévy que pesquisou sobre a chamada inteligência coletiva “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. (LÉVY, 2003, p.28)

Neste cenário, é fundamental que os historiadores (as) repensem a utilização destas novas tecnologias em suas pesquisas e locais de atuação. Sendo assim, a discussão sobre História Pública e História Digital se torna essencial, na medida em que o caráter “público” das informações adquire cada vez mais espaços nos debates. Ambas as áreas de pesquisa possuem uma historicidade e definições que nos ajudam a compreender melhor sua utilização.

O meu interesse por nesta área de pesquisa iniciou no ano de 2020, quando recebi o convite do Prof^o Dr. Wellington Amarante Oliveira para participar do projeto de extensão “Diálogos Sobre Ensino de História”. Devido a pandemia do novo coronavírus, as atividades aconteceram de forma remota, através de *lives* na plataforma *YouTube*, no canal oficial do Laboratório de Pesquisa e Ensino em História (LAPEH)¹.

Nos três primeiros encontros do projeto foram debatidos temas ligados às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, a saber: “Possibilidade e usos do Instagram no Ensino de História – Prof^o Carlos Almeida”, “O *YouTube* como plataforma educativa no ensino de história - Prof.^a Anelize Vergana” e o “O WhatsApp e o Ensino de História” – Prof^o. Cristiano Gomes Lopes”. Todos os convidados possuem formação na área da História e são professores da rede básica de ensino.

Desta forma, compreendi que a utilização das redes sociais para divulgação da História, tem aberto inúmeras possibilidades, não apenas para os conteúdos voltados para educação, mas é possível o historiador(a) divulgar suas pesquisas acadêmicas e outros assuntos do seu interesse.

¹ O canal LAPEH nas redes está disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCTohUfY-JNvZy-hFmKi5N2Q>. Acesso em: 21/01/2021

A História Pública propõe um alargamento nas discussões históricas para além dos limites académicos e a reflexão acerca da utilidade do passado. Apresentando um campo de atuação diverso e sofisticado, que se manifesta por meio da história comemorativa, da história educacional e da história engajada, sendo capaz de orientar museólogos, arquivistas, curadores, cineastas, documentaristas, criadores de *web sites* e os mais variados profissionais (ALMEIDA; ROVAI, 2013, p.4).

Portanto, o papel deste historiador é o compromisso com a ampliação do acesso público à divulgação de história, preocupação com o rigor metodológico, confiabilidade de suas fontes para pesquisa, bem como, a escolha os suportes utilizados e o uso de uma linguagem adequada de acordo com seu público-alvo. O historiador público assume uma postura crítica em relação ao passado e as narrativas que são construídas no presente. Além disso, diante dos avanços tecnológicos e a ampliação do acesso à internet se faz necessário entender os sentidos da História Digital e suas possibilidades para divulgação de história.

Dentre as várias plataformas existentes na internet (blogs, sites, podcast, rede sociais) optamos pelo *YouTube* devido ao seu fácil acesso e a maior interação entre o criador do conteúdo e seus usuários. Desta forma, nosso objetivo é compreender o espaço da História Pública Digital no *YouTube* os desafios enfrentados para produção de conteúdo históricos na plataforma.

Portanto, as análises dos canais *Historiar-se* e *Historiô* serão feitas de maneira quantitativa e qualitativamente. Em relação ao aspecto quantitativos, buscaremos apresentar de forma comparativa dados de produção, divulgação e acesso dos canais. Do ponto de vista qualitativos, nossa preocupação incide na forma com os conteúdos históricos são produzidos e apresentados ao grande público no formato audiovisual, ou seja, quais são as temáticas abordadas, quais são as narrativas criadas pelos canais, qual o referencial teórico-metodológico e bibliográfico, dentre outras questões. E por último compreender a recepção dos canais pelo público a partir dos comentários dos vídeos.

O referencial teórico temos autores ligados ao campo da História Pública no Brasil, tais como: Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago, que trabalham com a proposta de uma História para além dos muros académicos, pensando a divulgação e circulação da produção historiográfica através dos usos das novas tecnologias, facilitando o acesso da população as pesquisas científicas.

A pesquisadora Anita Lucchesi, aponta os desafios e possibilidades de se trabalhar com *YouTube* a partir da discussão historiográfica. Os desafios estão relacionados a conservação, verificabilidade, imaterialidade e fragilidade destas fontes. Por outro lado, o uso da internet pode nos oferecer vantagens que são a capacidade de armazenamento de documentos, acessibilidade, diversidade, hipertextualidade e a interatividade. Portanto, Lucchesi propõe o debate sobre o uso das fontes digitais em relação com a História Pública Digital. (LUCCHESI, 2013)

Sendo assim, a História Pública Digital se constituiu a partir de uma perspectiva historiográfica, cujo foco está na análise, compreensão e explicação dos fenômenos públicos, no caso a fonte para análise se baseia nos dois canais de História disponíveis na plataforma do *YouTube*.

Ao discutir os novos desafios na área da História referentes ao uso das redes sociais o autor Bruno Carvalho, promove uma reflexão sobre a temática. Segundo ele o historiador deve dar importância para os fenômenos das redes sociais que vem crescendo, pois se tem um alcance de bilhões de pessoas, um público diverso e participativo e heterogêneo. Além disso, esse público tem a possibilidade de interagir e dialogar com o conteúdo apresentado, envolvendo a sociedade de maneira a contribuir com as pesquisas historiográficas.

Jurandir Malerba, nos alerta sobre a certos historiadores que criticam a História Pública de uma maneira bastante pejorativa, preferindo se manter fechados aos novos campos de pesquisa historiográfica, o que não contribui na ampliação de novos campos de pesquisa e estudos do passado e do presente. O autor também discute o que viria a ser o “fazer História Pública” quem seriam estes pesquisadores e de que como as mídias estão sendo utilizadas, de forma a se problematizar as relações entre o historiador e seus públicos.

O historiador deve estar antenado as estas mudanças e os possíveis usos das mídias sociais para realização do seu trabalho. Não necessariamente, este historiador precisa ter total conhecimento sobre edição de vídeos, programação entre outros conhecimentos acerca das tecnologias, pois pode atribuir estas funções aos profissionais especialistas na área, entretanto um conhecimento mínimo sobre os usos e funções das redes sociais é fundamental para o planejamento, organização e divulgação do seu trabalho.

Os autores como Manuel Castells, Jean Burgess e Joshua Green, são importantes para se pensar o quanto *YouTube* e a internet vem influenciando e modificando o cotidiano das pessoas, e quais os impactos que isso vem causando na sociedade. Compreendendo melhor, como se deu a criação e consolidação do Youtube no Brasil e no mundo e essa nova forma de interação que se configura na chamada Web 2.0.

Ao discutir os usos da História Pública na internet, levando o conhecimento histórico para além dos muros da universidade, ampliando os debates e reflexões. Contudo, muitas vezes nos deparamos com informações falsas que circulam na internet, sem embasamento e confirmação das fontes, criando um obstáculo para aqueles produtores de conteúdos que estão preocupados com a disseminação de informações com rigor mais crítico a partir dos debates historiográficos. Tornando-se comum encontrar comentários de senso comum, que nega todo o debate científico.

Portanto, refletir sobre os desafios e possibilidades do *YouTube* como ferramenta de trabalho e divulgação da história pública digital. Lidando com a multiplicidade de sujeitos e narrativas presentes nas mídias sociais e como esses discursos do passado estão sendo interpretados e quais as contribuições do historiador público com a sociedade.

Temos uma quantidade enorme de fontes disponíveis na internet instantaneamente, segundo Lucchesi “a oferta de informações frescas em um ritmo sempre mais rápido, próximo ao “tempo real” da própria informação”, mas ao mesmo tempo lidamos com a incerteza do acesso as fontes disponíveis, que podem ser excluídas a qualquer momento.

De acordo com Bruno Carvalho, ter um canal de História é promissor, entretanto, não basta apenas uma boa ideia para montar o canal, para o autor “É preciso saber, por exemplo, onde se quer chegar com o canal, o público a ser alcançado, a linguagem certa, a estratégia correta para monetizar os vídeos e tornar o projeto sustentável”. Atualmente, o *YouTube* é um importante espaço de atuação para historiadoras e historiadores.

Portanto esta pesquisa tem como proposta analisar no âmbito da História Pública Digital, os canais *Historiar-se* e *Historiô*, presentes na plataforma *YouTube*, cujo objetivo é a divulgação de História para um público amplo.

2 - O DEBATE SOBRE A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL E O OFÍCIO DO HISTORIADOR

O historiador Carlo Ginzburg, ao utilizar a expressão “Era Google”², durante a sua comunicação no evento “Fronteiras do Pensamento” ocorrido no ano de 2011, tratou da relação entre internet e a História no século XXI. Ginzburg faz o seguinte comentário sobre esta discussão.

Todos usam a internet. Eu também. Todos falam sobre a internet. Eu também. Em tal tópico, o risco de ser banal é grande demais. Eu resolvi correr este risco, porque a revolução tecnológica que está ocorrendo perante nossos olhos e que modificou profundamente nossa existência mesmo nos aspectos mais triviais do dia-a-dia deve ser analisada em suas implicações. (GINZBURG, 2011)

O advento da internet impulsionou significativamente a relação dos sujeitos com a informação, o tempo e o espaço. As novas tecnologias da informação e da comunicação, que são desenvolvidas na contemporaneidade, alteraram estas percepções e conseqüentemente tiveram influência no ofício do historiador.

Estas novas mudanças, resultaram na chamada *Web 2.0*, que tem sido responsável pela forma como a sociedade se comunica e recebe informações, deixando os usuários de serem apenas receptores de informações, tornando-se produtores ativos na criação de novos conteúdos. Nota-se uma transformação nas formas de interação social.

O que tem sido observado por diversos estudiosos é que na Era Digital a humanidade tem lidado diferente com a informação, de modo geral, não apenas no âmbito acadêmico. Se, contudo, pensarmos na produção de conhecimento científico no seio das várias comunidades acadêmicas, a situação não é tão diferente. O efeito Google de acesso imediato a informações tópicas, por exemplo, é sentido lá e cá. Obviamente o Google não sintetiza as transformações em andamento, mas constitui um dramático exemplo de como a sociedade tem se informado. Estamos falando do surgimento de redes de informação, da sociedade da informação, baseada na aplicação de novas tecnologias na produção, troca, processamento e divulgação das mesmas. (LUCCHESI, 2014, p.47).

² A Conferência “História na Era Google” encontra-se disponível em: <https://www.fronteiras.com/conferencistas/carlo-ginzburg>. Acesso realizado em: 25/02/2022.

Outra transformação causada pela *Web 2.0* são os debates sobre quem poderia ou não fazer história neste espaço, se haveria limites quanto à produção, divulgação historiográfica e do conhecimento histórico. Neste cenário, é fundamental que os historiadores(as) repensem a utilização destas novas tecnologias em suas pesquisas e locais de atuação. Sendo assim, a discussão sobre História Pública e História Digital se torna essencial, na medida em que o caráter “público” das informações adquire cada vez mais espaços nos debates. Ambas as áreas de pesquisa possuem uma historicidade e definições que nos ajudam a compreender melhor sua utilização.

A discussão sobre o público da História e sua atuação fora da academia não é algo recente. Ainda no século XIX, por exemplo, Leopold Von Ranke, foi escolhido para ser o historiógrafo real da corte prussiana e membro do Conselho Prussiano (BENTIVOLGIO, 2010 apud CARVALHO, 2016, p.36). Entre o final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 os historiadores passaram a utilizar o termo História Pública para se referir ao seu ofício com a vida pública.

Os primeiros estudos vão surgir na Inglaterra, sendo realizados diversos seminários e oficinas denominadas de *Movimento Workshop* “predominava a concepção de que seria possível democratizar e refletir sobre os usos políticos do passado no presente por meio de uma ‘história vista de baixo’, incluindo trabalhadores, família, estudantes e, mais tarde, o movimento feminista” (ALMEIDA; ROVAI, 2013 apud CARVALHO, 2016, p.36).

Na Europa, predominou os estudos dos processos políticos da história e a atuação de diferentes grupos sociais e os usos do passado. Em 1976 Raphael Samuel lançou a revista *History Workshop Journal*, que se tornou uma referência para os historiadores públicos.

Ainda na década de 1970, nos Estados Unidos, o historiador Richard Kelly, da Universidade da Califórnia, utilizou o termo “História Pública” referindo-se à atuação dos historiadores fora do ambiente universitário. Em 1976, Kelly lançou a revista *The Public Historian* definindo a História Pública como “o trabalho de historiadores e do método histórico fora da academia: no governo, nas empresas privadas, nos meios de comunicação, nas sociedades históricas, museus, e até mesmo em espaços privados” (KELLY, 1976, apud CARVALHO, 2016, p.37).

A produção em torno da História Pública ganhou uma maior visibilidade nas décadas de 1980 a 1990, a partir da criação de duas revistas: *a Public History Review* (1992) e a *Australian Center for PublicHistory* (1998). No Brasil, os debates sobre este campo de atuação ocorreram tardiamente em relação ao Estados Unidos e a Europa. As discussões se desenvolveram através do empenho de muitos historiadores brasileiros que através da organização de inúmeros eventos com o intuito de ampliar, expandir as discussões sobre esta área de pesquisa no país.

Um importante evento acadêmico foi o “Curso de Introdução a História Pública” no ano de 2011, realizado na Universidade de São Paulo, que teve 120 inscritos e outros 109 na lista de espera. O idealizador do curso foi o historiador Ricardo Santhiago e contou com o apoio do Núcleo de Estudos em História da Cultura Intelectual. Segundo Santhiago o curso se estruturou da seguinte forma:

Composto por oito “master classes”, seu currículo centrava-se essencialmente em questões práticas: como fazer memória empresarial, como publicar história oral, como unir história e audiovisual, quais os princípios básicos para o trabalho em arquivo, como promover produções históricas por meio da divulgação científica e da assessoria de imprensa na área de história, como transformar uma pesquisa acadêmica em um programa de rádio ou podcasts. Seu direcionamento era claro: buscava-se semear uma ideia de história pública voltada à incorporação do historiador no mercado de trabalho e à inserção da história na cultura das mídias. Com isso, privilegiava-se uma vertente de história pública, entre outras: uma história feita para o público, que focaliza a ampliação das audiências. (SANTHIAGO, 2016, p.26-27)

Ocasionalmente o lançamento do livro “Introdução à História Pública” organizado pelas historiadoras Juniele Rabêlo e Marta Rovai, a obra é uma síntese das discussões realizadas durante o Curso de Introdução à História Pública. No ano seguinte, ocorreu o 1º Simpósio Internacional de História Pública, na Universidade de São Paulo (USP) e a criação da Rede Brasileira de História Pública (RBHP).

No ano de 2014 ocorreu o 2º simpósio Internacional de História Pública realizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e posteriormente no ano de 2016, a publicação do livro “História Pública no Brasil: sentidos e itinerários” organizado por Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago.

Em 2016, “História Pública em Debate: 3º Simpósio Internacional de História Pública” ocorreu entre os dias 28 e 30 de novembro, na Universidade Regional de Cariri.

Já no ano de 2018, temos o “4º Simpósio Internacional da Rede Brasileira de História Pública”, que ocorreu entre os dias 21 a 24 de agosto na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, em São Paulo.

Em 2021 realizou-se o 2º Curso de Introdução à História Pública, organizado pela Rede Brasileira de História Pública, no qual eu participei como ouvinte. Sua realização transcorreu no formato online, devido à crise sanitária causada pelo coronavírus, possibilitando a participação de toda comunidade acadêmica e profissionais de diversas áreas do país de forma online. O curso contou com duas mesas temáticas, seis aulas, doze oficinas, seis grupos de discussão e lançamento de livros.

Com a realização de eventos sobre a História Pública, o número de estudiosos na área tem aumentado, não apenas por curiosidade no assunto, mas para compreender de que maneira podemos utilizar este conhecimento em sala de aula e na divulgação de história. De acordo com Ricardo Santhiago é necessário compreender este campo de pesquisa a partir de quatro engajamentos que ele considerada fundamentais:

[...] a história feita para o público (que prioriza a ampliação das audiências); a história feita com o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita pelo público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e história e público (que abarcaria a reflexividade e autoreflexividade do campo). Essa tipologia ajuda a elucidar que predominâncias e exclusividades são coisas bem diferentes. (SANTHIAGO, 2018, p.28)

Importante ressaltarmos que neste período as discussões em torno da História Pública passaram a ser relacionadas com a ampliação da utilização de computadores e da internet. Portanto, com os avanços da tecnologia na contemporaneidade é imprescindível pensarmos em novas possibilidades de atuação dos historiadores(as) na internet, seja como fonte de pesquisa, repositório de arquivos digitais ou um novo meio para divulgação de trabalhos historiográficos.

Segundo o autor Serge Noiret, a historiografia acadêmica não é a única presente na internet, existem muitas outras histórias circulando pela rede, com conteúdos relacionados a memória e os usos do passado, para fins ideológicos e propagandísticos. Noiret afirma que devemos ser cautelosos, pois há uma linha tênue separando *Popular History* da *Public History*, sendo esta última ainda que diversa da historiografia

acadêmica, é dotada de métodos para reconstrução crítica e científica do passado. (NOIRET,2011 apud LUCCHESI, 2013, p.8).

O historiador, cujo ofício está no estudo dos sujeitos no tempo e espaço, tem relacionado o uso destas tecnologias no processo de investigação do passado e buscado responder aos anseios do tempo presente. Na década de 1960, os computadores já eram utilizados nos complexos militares e nas universidades, sendo máquinas que ocupavam salas ou andares inteiros, muito diferente dos computadores usados atualmente.

Inicialmente, havia um interesse maior por parte dos pesquisadores das ciências naturais, devido a capacidade de realizar complexos cálculos matemáticos em um curto espaço de tempo, porém, os historiadores perceberam que aquela nova tecnologia seria muito útil na chamada história quantitativa, como apontado por Bruno Carvalho:

Os computadores da época, cujo poder de processamento era muito superior ao de seus antecessores, permitiram que fosse analisado, processado e cruzado um volume de dados impensável para um simples mortal: listas de nomes, séries de preços, censos demográficos, registros de emigração, certidões de nascimentos e várias outras séries que permitiram traçar tendências, curvas e padrões sobre uma determinada realidade macro-história. Isso era uma mudança e tanto. Não só o volume de informação tratado era maior, mas podia-se agora avaliar um período de tempo mais longo e comparar dados de outras localidades. (CARVALHO, 2014, p. 167)

Sendo assim, a utilização destes computadores, se deu pela sua praticidade na formulação e resolução de cálculos complexos matemáticos “liberando o historiador, como se acreditava, para análises mais objetivas” (CARVALHO, 2014, p.167) tornando-se de grande importância para historiografia do período. Entretanto, na década de 1970, alguns historiadores do movimento dos *Annales* passaram a criticar a história quantitativa, justamente pelo seu caráter matemático, impedindo uma metodologia mais autêntica dos historiadores, levando a cometer equívocos e generalizações em suas pesquisas.

No final dos anos de 1990 ocorreram mudanças significativas na utilização dos computadores. Em um primeiro momento, como ferramenta de auxílio as pesquisas, criando novos dispositivos eletrônicos e o desenvolvimento de aplicativos, sites, *blogs* e da própria internet, desta forma, o ensino, a divulgação e as metodologias precisaram ser reorientados.

Devido a estes acontecimentos, surge um campo de pesquisa denominado de História Digital. Os historiadores norte-americanos William G. Thomas e Ed Ayer foram os primeiros a explorar este novo campo de estudos e fundaram a *Virginia Center for Digital History* (VCDH), vinculado à Universidade de Virgínia, Estados Unidos, “intitulado *Digital History of the Civil War*, onde tratavam quase que exclusivamente de fontes da guerra civil americana digitalizadas” (COHEN, 2008 apud CARVALHO, 2014, p.169).

Ao propomos uma definição do que seria a história digital e suas implicações epistemológicas e metodológicas, o historiador, ao lidar com uma fonte digital, irá recorrer a mesma análise criteriosa que utilizaria em outro documento, porém, tomando alguns cuidados, pois cada fonte exige um tipo diferente de estudo. Prado (2021), utiliza o exemplo das fontes hemerográficas. No jornal impresso, o historiador recorreria aos métodos e técnicas comumente usados, entretanto, os jornais digitais exigem novos conhecimentos devido a sua hipertextualização, interatividade e uso de diversos suportes midiáticos no mesmo documento como: vídeos, áudios, fotografias, etc. Este fato não implica na exclusão dos documentos não digitalizados, pelo contrário, como explica Prado (2021).

Ao contrário, os impactos causados pelos processos de digitalização de variadas tipologias documentais na pesquisa histórica podem se constituir em privilegiados objetos de estudo de historiadores interessados em problematizar, entre outros aspectos, de que modos os metadados elaborados para os documentos digitalizados não apenas os descrevem e auxiliam em sua identificação e localização em repositórios digitais – bibliotecas, hemerotecas, fototecas etc. –, mas afetam os usos que os pesquisadores fazem desses documentos e, conseqüentemente, os modos como é possível conhece-los. (PRADO, 2021, p.7)

Portanto, a história digital não deve vista apenas com o uso de quaisquer fontes digitais disponíveis na internet, o simples uso dos recursos digitais não é suficiente para definição deste campo de pesquisa. A autora Anita Lucchesi aponta o potencial transformador dessa “virada digital” e as mudanças provocadas em nosso cotidiano por conta das tecnologias no “A humanidade encontra-se na transição da cultura alfabética para cultura digital” (LUCCHESI, 2014, p.47). É possível pensarmos na ampliação dos locais de acesso as fontes de pesquisa que anteriormente se restringiam apenas a bibliotecas e novas formas de alcance à informação.

Nesse sentido, é possível discutirmos a importância da presença do conhecimento histórico na *Web 2.0*, abrindo a possibilidade de diálogos sociais e interações com um público mais amplo, levando o debate para além dos muros da universidade. Realizar a divulgação de história no meio digital permite a produção do conhecimento de maneira mais plural e colaborativa.

A área de pesquisa sobre história digital tem atraído inúmeros pesquisadores. Cada vez mais historiadores(as) tem demonstrado interesse sobre este campo de estudos e debruçado nesta área para produção historiográfica que vem modificando seu ofício. O historiador Serge Noiret, faz a seguinte ponderação sobre o assunto.

O alcance das mudanças do ofício de historiador por intermédio digital é de tal ordem que devemos nos perguntar qual será o impacto da história digital sobre as formas tradicionais de narração do passado, e se, ainda com maior profundidade, não devemos rever nossa própria relação com tempos passados e seu declínio em nosso presente, com a memória e com a história. Interrogar-se sobre a presença pública da história permite que nos defrontemos com essas questões cruciais. (NOIRET, 2015, p.34)

Evidente que existam historiadores mais receosos com estas transformações, pois um passado que se torna público, pode retirar a autoridade do historiador e sua análise crítica dos eventos históricos, porém segundo Lucchesi “Um dos perigos do nosso tempo é, aliás, a produção de uma história sem historiadores, facilmente encontrada na Internet em vários sites diletantes, com narrativas amadoras e, em determinados casos, comprometidas ideologicamente” (LUCCHESI, 2012, p.08)

A relação entre História e os computadores no Brasil tem registros no ano de 1979, quando os historiadores Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Pérez Brignoli publicaram um capítulo chamado “O uso da computação em História” no livro “Os Métodos da História”. Já nos anos de 1980 a Sociedade Brasileira de Pesquisas Históricas (SBPH) e a Revista de Demografia Histórica publicaram alguns artigos sobre a temática.

No ano de 1997 com a publicação do livro “Domínios da História- Ensaio de Teoria e Metodologia” organizado pelos historiadores Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso, há um capítulo para discutir a relação entre História e informática escrito pelo historiador Luciano R. Figueredo que já atentava para as potencialidades da internet “[...] dados dos arquivos podem ser oferecidos de maneira mais livre, bibliografias podem ser

trocadas, textos inteiros remetidos pelas redes de informação, arquivos consultados, conferências eletrônicas organizadas”(FIGUEIREDO, 1997, p.438).

Contudo, somente nos anos 2000 que começaram a surgir um maior número de pesquisas brasileiras sobre a temática. Inclusive no I Simpósio Internacional de História no ano de 2012, mencionado anteriormente, houve palestras e oficinas que discutiam os usos destas tecnologias pelos historiadores e neste mesmo ano foi criada a Associação de Humanidades Digitais e um segundo volume do livro organizado por Vainfas e Flamarion foi lançado “Novos Domínios da história” contando com um capítulo escrito por Célia Cristina da Silva Tavares sobre história e informática, segunda ela.

Não se pode falar da relação história e informática sem perceber que as alterações de comportamento afetam tudo e todos para além do nosso campo de estudo, também não é muito seguro arriscar um prognóstico do que virá a acontecer, pois a velocidade das transformações tecnológicas tem se mostrado vertiginosa e não parece prudente indicar as linhas de força desse gigantesco processo em constante movimento, justamente porque é vasto e variado. (TAVARES, 2012, p.302)

Tavares ressalta a importância das transformações proporcionadas pelos computadores e a internet para produção historiográfica, ela cita o *Google* por ser a maior empresa de busca e pesquisa da internet. Ao ter acesso a inúmeros sites disponíveis na internet, cria uma sensação de liberdade e agilidade, porém, esta gama de informações poder gerar certas inconsistências e superficialidade na informação.”

Para Roger Chartier, em relação ao *Google* e sua poderosa ferramenta de busca textual, ele afirma: “temos um mundo de fragmentos descontextualizados, justapostos, indefinidamente reconstituíveis, sem que seja necessária ou desejável a compreensão da relação que os inscrevia na obra da qual tenham sido extraídos” (CHARTIER, 2009 apud TAVARES, 2021, p.309) o autor apresenta uma visão mais cautelosa sobre os usos da internet, uma vez que os usuários tendem a fazer uma leitura fragmentada das informações.

Em contrapartida, Carlo Ginzburg aponta que a leitura fragmentada foi sempre possível por meio da chamada “leitura diagonal” não sendo algo utilizado apenas pelo *Google*, as pessoas fazem esse tipo de leitura de acordo com seus interesses. Desta forma, Ginzburg apresenta uma visão mais otimista em relação ao *Google* e suas potencialidades “o Google é uma extensão, uma prótese do nosso corpo e de nossa mente. Uma prótese

capaz de grandes feeds dos quais jamais seremos capazes” (GINZBURG, 2010 apud TAVARES, 2012, p. 309). A autora nos esclarece.

Não obstante as críticas frontais de Chartier e Darnton ou mesmo o otimismo prudente de Ginzburg, o fato é que a presença da Internet no trabalho do pesquisador em história cresce como bola de neve e não é possível evitá-la. É imprescindível saber se conduzir minimamente nesse cipoal de informações escritas, visuais e auditivas, oferecidas em abundância para todos, ou quase todos, nas práticas hoje correntes do ofício do historiador. (TAVARES, 2012, p.309)

A utilização da internet pelo historiador público, pode ser uma ferramenta com muita potencialidade para divulgação de história, sendo um campo dinâmico e desafiador, de acordo com Jurandir Malerba:

[...] Se, por um lado, ela pode potencialmente ser um meio indutor de produção de uma história ao alcance de todos, por isso em tese mais democrática e mais aberta, a internet simultaneamente apresenta questões e desafios novos, por exemplo, sobre controle de acesso (salvaguarda: gatekeeping) e autoridade (quem tem habilidades técnicas, formação necessária para fazer sentido do passado como história). (MALERBA, 2017, p.143)

Neste cenário, é fundamental que os historiadores (as) repensem a utilização destas novas tecnologias em suas pesquisas e locais de atuação. Sendo assim, a discussão sobre História Pública e História Digital se torna essencial, na medida em que o caráter “público” das informações adquire cada vez mais espaços nos debates. Temos a necessidade de lidar com estes impactos, modificando as pesquisas e divulgação de história, de acordo com Prado deve ser um caminho que nós historiadores devemos enfrentar.

Essa revolução digital não se limita, entretanto, à história enquanto processo vivido, pois afeta, conseqüentemente, a História como disciplina. Assim como ocorre com outras áreas disciplinares no âmbito das ciências humanas e sociais, a História se vê diante da necessidade de lidar com os impactos que as tecnologias, linguagens e mídias digitais causam na produção, no ensino e na divulgação do conhecimento histórico na contemporaneidade. Nessa perspectiva, defende-se aqui que os historiadores enfrentem os desafios epistemológicos e metodológicos que se impuseram na era da internet e, desse modo, explorem a potencialidade heurística das novas fontes, formulem novas problemáticas, adêquem metodologias de pesquisa e ampliem o campo do conhecimento histórico, praticando uma história digital. (PRADO, 2021, p.4)

Diante deste momento importante para a historiografia, saber lidar com estas novidades e também reformular alguns paradigmas que permeiam nossa prática, consiste numa atualização do “velho” ofício do historiador, não fechar os olhos ou observar tudo passivamente (LUCCHESI,2015).

2.1 - A divulgação de história no *YouTube*

Ao falarmos da era digital, pensamos no impacto e nas transformações que a Internet proporcionou na vida das pessoas, principalmente após o surgimento da banda larga, em que a comunicação e o compartilhamento de dados e informações ocorrem de maneira mais rápida. Para Castells (1999) a difusão da internet pode ser percebida no mundo inteiro, ultrapassando as barreiras geográficas, proporcionando um amplo alcance na comunicação de maneira veloz. Para o autor, os consumidores da internet também são os produtores, criando conteúdo e dando origem a uma espécie de teia virtual, conectando diversos usuários e alcançando milhões de pessoas.

Fundado em fevereiro de 2005, nos Estados Unidos, pelos amigos Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o *YouTube* é a plataforma de compartilhamento de vídeos mais acessada no mundo. No ano de 2006, o site foi comprado pela empresa Google por 1,65 bilhões de dólares, substituindo o Google Vídeos. Os números acerca desta plataforma são significativos, estando presente em 88 países e disponível em 76 idiomas diferentes, com mais de um bilhão de usuários no site³.

Um dos motivos que fazem a internet ser amplamente utilizada é a possibilidade de enriquecimento da notícia, apresentação do conteúdo em diversos formatos e a interação do público com o produtor. No *YouTube*, podemos ter uma clara visão disso, através dos comentários nos vídeos e as respostas que podem ser do próprio canal ou até de outras pessoas, criando certas discussões e trocas de informação, gerando uma maior colaboração e o enriquecimento do conteúdo.

³ Canaltech. Tudo sobre o YouTube. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/youtube/>. Acesso em:19/03/2020

O rápido acesso à informação em diferentes conteúdos através das imagens, sons, efeitos visuais e de propaganda, inseridos nos novos modos de consumo e a reprodução midiática. Sendo a plataforma de vídeos mais acessada mundialmente, nela, podemos ouvir uma música, assistir um filme, acompanhar uma transmissão ao vivo, pesquisar informações sobre diversos assuntos e adquirir conhecimento.

No Brasil, segundo dados do *Think With Google*⁴ realizado em 2021, cerca de 113 milhões de brasileiros utilizam o *YouTube* mensalmente e 99% utilizam para obter informações e conhecimento. Como o seu rápido crescimento, esta plataforma digital virou local de trabalho de muitas pessoas e muitas vezes tem se tornado a única fonte de renda. Essa renda é obtida através dos anúncios no canal, número de inscritos e visualizações, ou seja, quanto maior for o canal maior será sua renda. Como apontado pelo historiador Icles Rodrigues.

[...] Ainda que não seja a única plataforma de vídeos disponível, seus concorrentes não chegam sequer perto do seu alcance. As outras plataformas não conseguem permitir aos produtores de conteúdo a mesma audiência que o Youtube angaria, em grande parte por conta de funcionalidades relacionadas ao seu algoritmo, mas também por sua imensa popularidade e capacidade de “viralização” de conteúdo, entre outros fatores. (RODRIGUES, 2019, p.73)

A plataforma permite que qualquer pessoa assista ou publique vídeos – exigindo apenas uma conta no *Gmail* da *Google* - sobre os mais variados temas. Sendo assim, os usuários têm a possibilidade de transitarem entre consumidores e produtores de conteúdo. Além disso, o site permite que os usuários deixem seus comentários, marquem com “gostei” e “não gostei” nos vídeos, compartilhem o conteúdo com outras mídias sociais (*Facebook, WhatsApp, Tweet, Gmail, Instagram*) e se inscrevam no canal caso gostem do conteúdo, podendo acompanhar a cada novo vídeo postado.

Para melhorar a visualização dos vídeos, o *YouTube* permite selecionar as seguintes opções: pausar, avançar para o próximo vídeo, ativar legenda ou ocultar legenda, velocidade da reprodução, qualidade do vídeo, assistir o vídeo em tela cheia, modo teatro ou miniplayer. É possível acessar conteúdos educacionais, infantis, jornalísticos, assistir *lives*, canais religiosos, canais artísticos, canais institucionais, canais

⁴ Think With Google. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/tendencias-de-comportamento/as-principais-tendencias-do-youtube-em-2021/>. Acesso em: 27/11/2021

de opinião, acompanhar *vlogs*, faça você mesmo (DIE – *Do It Yourself*), entre outros. Cada canal decide qual a proposta de conteúdo pretende seguir, não sendo necessário um único segmento, em um mesmo canal podemos encontrar, por exemplo, conteúdos de educação e artísticos.

Ao longo da pesquisa, podemos verificar a existência de canais voltados para divulgação de história como: *Leitura Obriga História*, *História e Ditadura*, *História em Quarentena*, *Clio: História e Literatura*, criado por historiadores, aprofundando em temáticas importantes para a sociedade e que desperte um olhar crítico, diante das múltiplas informações.

Explorar estes recursos e realizar a divulgação de história⁵ que propõe a difundir os resultados das suas pesquisas para um público maior, ampliando este alcance social dos historiadores a partir do *Youtube*, possibilitando uma maior comunicação dos historiadores com a sociedade. Para se ter sucesso nas redes sociais, o historiador público precisa ter o que o Bruno Carvalho denomina de “atitude de presença” e o autor ainda explica:

Refiro-me aqui à capacidade de ocupar estrategicamente uma rede social, tornando-se seu protagonista, ponto de referência e irradiador de informações e debates, sujeito-autor capaz de propor temas e de gerar o engajamento de outros usuários. O historiador público deve, para tal, dominar a linguagem das redes sociais – desde a composição do conteúdo até o discernimento de perfis de comportamento e demanda dos usuários, passando por elementos tão diversos quanto fundamentais para quem se debruça sobre esse universo, tais como *desing*, monitoramento e estratégias de divulgação. (CARVALHO, 2016, p.45)

O autor em seu texto lista alguns pontos importantes para o historiador considerar ao produzir e divulgar conteúdos nas redes sociais. O primeiro passo é a “elaboração do projeto”, que tem diversos subitens que são eles:

[...] percepção de tendências na historiografia, identificação de lacunas, definição de objetivos, elaboração de um plano de comunicação, definição da identidade visual, tutoriais, regras, público-alvo, abordagens temáticas, duração do projeto, plataformas, estratégias de divulgação e – quando for o caso –, criação e avaliação de cenários de sustentabilidade financeira, entre outros. (CARVALHO, 2016, p.45)

⁵ O conceito divulgação de história e descrito pelos historiadores Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira no livro “História Pública e a divulgação de história” que segundo eles é a dedicação que alguns historiadores tem em divulgar o resultado do seu próprio trabalho para o grande público.

O segundo ponto é a “formação de equipe”, contando com a colaboração de jornalistas, sociólogos, antropólogos, especialistas em *marketing* e profissionais do *design*. O contato com outras áreas é importante para historiador, ampliando os debates nas redes sociais e criando conteúdos mais elaborados. O “conhecimento técnico” é importante, mesmo que o historiador tenha em sua equipe um especialista na área, ele precisa dominar alguns conhecimentos básicos sobre o assunto como:

linguagens das redes sociais, critérios de produção de texto para a Internet, configuração de posts [...] possibilidades de multiplataforma, perfis de usuários, comportamentos de comunidades sociais virtuais, princípios de programação e, principalmente, noções de design. (CARVALHO, 2016, p.46)

Outro ponto importante é a “pesquisa digital” devido ao grande volume de informações disponíveis na internet, se torna essencial que o historiador tenha conhecimento do que vem sendo produzido, quais tipos de arquivos existentes, os mecanismos de buscas e como utilizar estas ferramentas, de forma a contribuir para a divulgação de história nas redes.

E por último, a “gestão de rede”, o historiador público tem a função de comunicador e administrador, portanto é imprescindível lidar com a “capacidade de gerir conteúdos (moderação), pessoas (mediação) e ameaças (*trolls*, *scammers*, vírus, etc.)” (CARVALHO, 2016, p.46).

No passado, os historiadores que desejavam alcançar novos públicos, dependiam do rádio, da televisão e das editoras para publicar seus trabalhos, além disso, precisavam de patrocínios para custear seus projetos, podendo prejudicar a criticidade do seu trabalho, afinal, quem está pagando vai querer divulgar o que condiz com suas ideologias. Para Rodrigues, são poucos os profissionais que alcançavam estes espaços de divulgação científica para um grande público e muitos destes conteúdos era apresentados de maneira bastante duvidosa.

[...] Programas de rádio e de televisão têm uma tendência a chamar sempre as mesmas pessoas para falar sobre certos temas, e a qualidade do trabalho desse acadêmico nem sempre é proporcional ao seu espaço midiático – alguns, em minha opinião, chegam a prestar eventuais desserviços ao campo, o que traz ao debate o componente qualitativo, para além do quantitativo. Os meios de comunicação tradicionais mais influentes têm o poder de definir a notoriedade pública, bem como

proporcionar aos “notórios” uma série de vantagens anexadas a essa autoridade conferida. (RODRIGUES, 2019, p.75)

Aqueles que acabavam conquistando uma certa fama nestes espaços tornando-se “intelectuais públicos”, (RODRIGUES, 2019) possuíam uma rede de contatos com certos veículos midiáticos que os contratava ou convidava, sabendo que atenderia o perfil político-ideológico do programa, não criando problemas para audiência do seu programa e a perda de patrocinadores. Desta forma, os historiadores que não se enquadravam neste perfil, acabavam sem espaços nas grandes mídias.

Com o passar do tempo, a Internet foi popularizando e surgindo novas plataformas para elaboração e divulgação de conteúdos e o acesso a tecnologias que permitiram a gravação de vídeos e ficaram mais acessíveis, pois desde *smartphone*, *notebook*, *webcam* ou *tablet* são capazes de gravar e cada vez mais a qualidade da imagem e som foram sendo aperfeiçoadas.

Entretanto, não devemos ignorar o fato de que uma parcela da população brasileira não tem acesso à internet, segundo fontes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶ publicado em 2021, a porcentagem de brasileiros sem acesso à internet é quase 40 milhões que representa 21,7% com idade acima de 10 anos. Desta forma, é inegável produzir conteúdo com potencial de alcance abrangente.

Por outro lado, as mídias digitais se tornaram o meio de comunicação mais fácil para aqueles intelectuais que desejam alcançar um público mais amplo. A autonomia presente nestes espaços contribui para que este intelectual produza seu conteúdo de forma livre sem uma regulação ou aprovação (alguns conteúdos infringem as regras do site e são excluídos, por não respeitar direitos autorais ou direitos humanos) e também não temos uma avaliação da qualidade do conteúdo postado, apenas deve-se respeitar os termos de uso do site e a legislação imposta por cada país.

Para o historiador(a) e demais pesquisadores, esta autonomia na produção do conteúdo permite escolher quais temáticas serão trabalhadas de acordo com seus

⁶ Um em cada cinco brasileiros não tem acesso à internet, segundo IBGE. Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2021-04/um-em-cada-cinco-brasileiros-nao-tem-acesso-internet-segundo-ibge#:~:text=Publicado%20em%2014%2F04%2F2021,feira%20\(14\)%20pelo%20IBGE.](https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2021-04/um-em-cada-cinco-brasileiros-nao-tem-acesso-internet-segundo-ibge#:~:text=Publicado%20em%2014%2F04%2F2021,feira%20(14)%20pelo%20IBGE.) Acesso em: 27/02/2021.

interesses e área de atuação. No entanto, é indispensável definirmos o público a ser alcançado nas redes sociais.

2.2 - A autoridade do historiador na Internet

Algumas questões que permeiam a História Pública Digital, nos fazem refletir sobre a autoridade do historiador no universo digital. Qualquer pessoa pode ser produtora de conteúdo histórico? Onde fica a autoridade do historiador perante o discurso sobre o passado na Internet? As discussões sobre História Pública Digital, anteriormente citadas, nos mostram as potencialidades da internet para prática historiográfica, na pesquisa de fontes, disponíveis em acervos digitais ou de conteúdos em plataformas digitais como fonte de pesquisas.

De acordo com Carvalho (2018) não é tão simples definir o que seria “autoridade” do historiador, pois nos colocaria numa espécie de “polícia” perante a todas as escritas do passado, dando a este profissional o poder de vetar ou censurar tais produções. Para nós esta noção de autoridade está naquilo que Michel de Certeau (2011) chamava de “operação historiográfica em que temos a adoção de uma escrita controlada, crítica documental e a utilização de métodos”.

Outra perspectiva é o impacto gerado pela internet na ampliação dos públicos e o questionamento que se faz a autoria dos conteúdos postados, pois, com o surgimento das mídias sociais, fóruns online, *blogs*, plataformas de compartilhamento de vídeos e as páginas de produção colaborativa de artigos e os dispositivos eletrônicos permitem estar conectados à Internet, possibilitando que qualquer usuário seja capaz de contribuir com a construção de uma narrativa do passado. Segundo Malerba, “Cada vez mais pessoas interessadas em fazer sentido do passado voltam-se à história como espaço de experiência para guiar sua ação ou para utilizar esse conhecimento como arma política no presente” (MALERBA,2017, p. 136).

A Internet tornou possível que seus usuários passassem de meros consumidores de conteúdo para produtores e influenciadores no meio digital. Em meados da década de 2000 que surgem o fenômeno dos blogs, as redes sociais *Orkut* e o *Facebook*, e as chamadas plataformas colaborativas como o *Youtube* e o *Wikipédia*. Desta forma, passou a ser produzido e disponibilizado diversos conteúdos, inclusive históricos.

Este fascínio pelo passado, tem atraído um público grande, tanto para aqueles que querem consumir o conteúdo ou por aqueles que estão produzindo, mesmo não possuindo formação na área de História. Podemos citar no Brasil o canal *Nostalgia*⁷, disponível no *Youtube* e criado pelo designer gráfico Felipe Castanhari, possuindo mais de 14 milhões de inscritos, tornando-se um dos canais mais populares. Inicialmente, Castanhari produzia vídeos sobre a cultura pop no geral (desenhos animados, series de televisão, filmes) recentemente passou a produzir vídeos com conteúdo de História, ganhando bastante visibilidade pelo público leigo, mas por outro lado, recebendo diversas críticas da comunidade científica devido a manipulação e omissão dos fatos narrados.

Outro exemplo que podemos citar e as disputas de grupos políticos, que fazem usos do passado para legitimar seu discurso pautado na narrativa tradicional. O *Brasil Paralelo*⁸ criado em 2016 por um grupo de empresários de Porto Alegre, que se identificam com o campo político da direita-liberal, possuem mais de 250 mil inscritos no Youtube e cerca de 300 mil seguidores no Facebook. Em 2017 eles lançaram uma série chamada “Brasil - a última cruzada” com sete episódios que contam a história do Brasil desde o período Colonial até os dias atuais. Além disso, eles possuem cursos pagos e entrevistas com “autoridades” de diversas áreas, utilizando as frases “a série que irá desbancar seu professor de História” ou “Pare de acreditar nas mentiras que seu professor de História” como forma de atrair o público e deslegitimar a autoridade do historiador.

Ao tratarmos do universo digital esta autoridade não desapareceu, temos projetos produzidos por historiadores numa tentativa de expandir o conhecimento acadêmico para novos públicos. Encontramos cursos que são montados no formato de aula e disponíveis para o público acadêmico e não acadêmico, gravação de vídeos ou *lives* com a presença de especialistas na temática abordada, realização de congressos e fóruns de discussão.

Durante a pesquisa, encontramos diversas iniciativas em História Publica Digital elaborada por profissionais da História. O site *Café História*⁹ fundado em 2008 por Bruno Leal de Carvalho com o intuito de divulgar a História acadêmica com o público e para o público, contando com colaboradores que ajudam na divulgação do conteúdo.

⁷ Nostalgia. Disponível em: <https://www.youtube.com/nostalgia>. Acesso em: 01/02/2021

⁸ Brasil Paralelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial>. Acesso em: 01/02/2022

⁹ Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/about/>. Acesso em: 01/02/2022

O *História da Ditadura*¹⁰ é considerado um dos principais de divulgação da história, com foco nas ditaduras e os legados autoritários que marcaram a história do Brasil e do mundo. Contam com uma equipe de editores responsáveis pela manutenção do site e a disponibilidade de fontes documentais e vídeos. Além disso, o *podcast Sobre História*¹¹ onde são apresentando diversas temáticas de maneira bastante didática.

Apesar dos esforços, a presença dos historiadores no mundo digital é pouca, porém, em um ambiente com inúmeras “autoridades” com discursos sobre o passado que dominam o uso da linguagem na internet e possuem recursos e mecanismos para atrair o público, isso tem dificultado que os historiadores ocupem estes espaços como aponta Carvalho (2018).

Esta autoridade escora-se em dois pressupostos fundamentais, embora não sejam os únicos: 1) a capacidade de alcançar grandes audiências, o que parece, por si só, revestir o produtor de discurso de credibilidade diante do grande público; e 2) a capacidade de dominar a nova linguagem digital, garantindo presença no “espaço público” virtual e sendo eficaz na comunicação com a ampla audiência. (CARVALHO, 2018, p. 173)

Esta dificuldade por ser explicada pelo formato de como os cursos de História foram moldados e que por muito tempo seus departamentos estiveram afastados do público. Voltados principalmente para a pesquisa e o debate entre seus pares, a divulgação de história por muitas décadas não era vista como campo de atuação no país. Por isso as pesquisas em História Oral e História Pública tem se entrelaçado com a História Digital, numa tentativa de alcançar novos públicos, observamos isso nos seminários e eventos nestas áreas.

Outro desafio encontrado por estes profissionais da História, é o domínio da linguagem digital e o uso das tecnologias. De modo geral, os currículos universitários não possuem disciplinas voltadas para área da informática, programação, designer gráfico e comunicação social. Mesmo que não seja necessária uma formação aprofundada, o historiador precisar entender e dominar alguns aspectos do meu digital, para produção de conteúdo.

Os efeitos deste cenário começaram a ser sentidos nos últimos dez anos como uma espécie de “ameaça” – e, como sabemos, a autoridade só

¹⁰ História da Ditadura. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/>. Acesso em: 01/02/2022

¹¹ Sobre História. Disponível em: <https://soundcloud.com/sobrehistoriapodcast>. Acesso em: 01/02/2022

costuma ser uma questão quando ela parece estar ameaçada. Isso porque projetos produzidos por não historiadores – sem julgar aqui a qualidade de seus conteúdos – começaram a alcançar enorme êxito no universo digital. (CARVALHO, 2018, p.174)

Diante disso, devemos planejar estratégias e ocupar os espaços virtuais, apresentar os conteúdos no formato que seja compreensível ao nosso público-alvo, compreender que cada plataforma digital exige um tipo de linguagem e suporta um limite de caracteres ou a disponibilidade de imagens e vídeos. E que por se tratar de um ambiente virtual, a pluralidade dos sujeitos deve ser levada em consideração, fazendo com que ele entenda o conteúdo histórico através do método científico.

Não somente compreender a temática, mas é preciso que este público saiba que uma “opinião” que circula na Internet não é uma narrativa válida, pois não utiliza em seus argumentos fontes seguras, análise de documentos e evidências científicas que comprovem os fatos

2.3 - Os desafios e possibilidades da divulgação de História no *YouTube*

Atualmente é possível fazer a divulgação de história na internet em múltiplas plataformas gratuitas (*Facebook, YouTube, Instagram, Vimeo, Wordpress, Blogspot*, entre outras) e, mesmo que algumas ofertem a opção paga, e o impulsionamento das publicações, o modo gratuito oferece diversos mecanismos que auxiliam a divulgação. Independente da opção, todas oferecem recursos para quem trabalha de maneira profissional ou amadora.

A divulgação de História nestes ambientes virtuais tem conquistado cada vez mais espaço. Muitos programas de pós-graduação, bibliotecas, museus, canais institucionais, historiadores e historiadoras têm atuado nestes espaços. Nota-se o aumento do número de *lives* que se tornaram recorrentes devido à crise sanitária causada pelo coronavírus, sendo uma alternativa para a continuidade das atividades institucionais e a divulgação das pesquisas.

Anita Lucchesi (2018) aponta alguns desafios encontrados ao se trabalhar com fontes digitais, que estão relacionados a conservação, a verificabilidade, imaterialidade e a fragilidade destas fontes. Porém, apesar dos desafios, temos as suas vantagens que são

a capacidade de armazenamento, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, hipertextualidade e interatividade.

Temos uma série de desvantagens e problemas que precisam ser trabalhados. Ao possibilitar que qualquer pessoa crie conteúdo – que muitas vezes se aproveitam do clima político – recorrentemente possuem uma narrativa duvidosa, omissão e distorção dos fatos, não fazendo uso de fontes documentais ou referências bibliográficas. A abundância de desinformações nesses espaços nos faz perceber diversos motivos que nós historiadores(as) devemos nos preocupar com a divulgação da História.

Outro ponto a ser problematizado é a saturação do conteúdo, pois qualquer temática que procuramos na Internet, é apresentado em milhares de páginas sobre o assunto. Para se destacar neste meio é necessário boas estratégias e dedicação na produção, trazendo um conteúdo de qualidade. E um último ponto é a exposição do criador de conteúdo, principalmente no campo da História que devemos tratar de temáticas sensíveis e expor opiniões sobre variados temas, Rodrigues nos alerta sobre essa exposição, uma vez que para divulgação de história é importante demonstrar maior transparência:

Porém, quando se trata de conteúdos de História, portanto, de uma área em que impossível se eximir de temas políticos sensíveis, pode haver um “efeito colateral”: os produtores podem ficar expostos a discursos de ódio extremos, o que, na maioria das vezes, não causa grande interferência na vida pessoal dos envolvidos, mais pode causar transtornos, como tornar o sujeito alvo de perseguição político-ideológica, que independe de espectros políticos definidos. Nem todos os produtores de conteúdo têm condições psicológicas de permanecerem expostos às hostilidades geradas por abordar assuntos controversos. (RODRIGUES, 2019, p.80)

Icles Rodrigues ao relatar essas dificuldades, está se baseando na sua própria experiência com a criação do canal *Leitura ObrigaHistória*. Ele argumenta “apesar desses problemas e desvantagens, julgo que o campo da divulgação científica na Internet é bastante prolífico e que parte dos seus problemas deveria ser uma motivação a mais para ocupação de tais espaços pelos acadêmicos” (RODRIGUES, p. 80-81, 2019).

Explorar as potencialidades da Internet é permitir que a História seja inserida nas novas mudanças da sociedade contemporânea. Entendemos que os computadores são parte indispensável nas trocas de informação e comunicação. Cada vez mais as novas gerações utilizam este espaço para criação de conteúdo, atraindo muitos usuários como é

o caso do *YouTube*. Portanto, nós, futuros historiadores e historiadoras, devemos ocupar estes ambientes virtuais de modo a contribuir para a divulgação e ampliação da História pública para um número cada vez maior de pessoas.

Durante o processo de elaboração da pesquisa, realizamos um mapeamento prévio dos canais de História. Foram realizadas buscas a partir das palavras-chaves: “história”; “historiadores”; “historiadoras” e “história pública”. Neste primeiro momento buscamos canais dedicados à História, pois mesmo com o filtro apareciam vídeos de músicas, humor e *vlogs* que não tinham interesse para o projeto. Nesse levantamento inicial mapeamos 132 canais. A partir da análise da descrição do canal e dos títulos dos vídeos agrupamos os canais em quatro categorias: institucional; curiosidades históricas; divulgação de História; Ensino.¹²

Classificamos como canais institucionais aqueles criados por um curso de graduação ou pós-graduação, laboratórios e núcleos de pesquisa, revistas científicas, associações científicas, entre outros. Foram encontrados 22 canais, observamos que tais iniciativas surgem com o intuito de divulgar palestras, seminários, apresentações de convidados, pesquisas e até mesmo aulas. Por conta da pandemia houve um aumento significativo na criação desse tipo de canal, o próprio curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, passou a utilizar o *YouTube* por meio do canais do Laboratório de Pesquisa em Patrimônio, Memória e Identidade (LAPAMI) que conta com 1,4 mil visualizações e 233 inscritos¹³, o Laboratório de Pesquisa e Ensino em História (LAPEH) com 1,6 visualizações e 284 inscritos¹⁴ e o Laboratório de História Digital (LAHISD) com 517 visualizações e 142 inscritos¹⁵.

Os canais classificados como curiosidades históricas são aqueles criados por sujeitos que não possuem a formação em História, em geral, seus conteúdos são voltados para os grandes heróis, Idade Média ou as grandes guerras. Ao todo, encontramos 20

¹² Todos os dados do mapeamento (número de visualizações, inscritos no canal, etc.) são relativos ao dia 24 de novembro de 2020, quando encerramos essa etapa da pesquisa.

¹³ Laboratório de Pesquisa em Patrimônio, Memória e Identidade (LAPAMI). Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Comunica%C3%A7%C3%A3oM%C3%ADdiasLAPAMI/about>. Acesso em: 14/10/2020

¹⁴ Laboratório de Pesquisa e Ensino em História (LAPEH). Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCTohUfY-JNvZy-hFmKi5N2Q/about>. Acesso em: 04/10/2020

¹⁵ Laboratório de História Digital (LAHISD). Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Laborat%C3%B3riodeHist%C3%B3riaDigitalLAHISD/about>. Acesso em: 04/10/2020

canais nessa categoria. Alguns se destacam devido ao grande número de inscritos como o *Buenas Ideias* possuindo mais de 56 mil visualizações e 826 mil inscritos¹⁶, o canal focado na História do Brasil é apresentado por Eduardo Bueno, jornalista que ganhou bastante espaço nas mídias por tratar de assuntos relacionados ao passado brasileiro.

Em Divulgação de História, apresentado por historiadores(as) que tem como objetivo divulgar suas pesquisas e outros projetos para um público amplo, temos 34 canais encontramos historiadores famosos como o “*Prazer, Karnal - Canal Oficial de Leandro Karnal*”¹⁷ apresentado pelo Leandro Karnal com mais de 6 milhões de visualizações e 523 mil inscritos e também temos o canal da “*Lili Schwarcz*”¹⁸ criado pela historiadora Lilian Schwarcz possuindo mais de 2 milhões de visualizações e 89 mil inscritos, ambos os canais contam com entrevistas, divulgação dos seus trabalhos e opiniões sobre determinados assuntos.

Além disso, nesta categoria temos outros canais bem conhecidos que fazem o trabalho de divulgação de História o “*História da Ditadura*”¹⁹ contando com 148 mil visualizações e 5 mil inscritos e o “*Leitura ObrigaHistória*”²⁰ que tem mais de 8 milhões de visualizações e 330 mil inscritos, sendo um dos primeiros canais de divulgação de história no *Youtube*, apresentado por Icles Rodrigues, tornando-se uma grande referência para muitos historiadores que desejam criar esse tipo de conteúdo para a Internet.

Na categoria ensino, encontra-se os canais que têm como foco o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outros vestibulares. Ao todo 56 canais foram mapeados. Em sua maioria, são iniciativas de professores de história ou por instituições particulares, com conteúdo mais didáticos e resolução de exercícios. Um ótimo projeto que deve ser ressaltado é o da professora Anelize Vergara, com o seu canal “*Profª Anelize*” com conteúdos voltados para o ensino fundamental, médio, ENEM e vestibulares das universidades estaduais paulistas, possui mais de 223 mil visualizações e 8 mil inscritos²¹.

¹⁶ Buenas Ideias. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/BuenasIdeias>. Acesso em: 04/10/2020

¹⁷ Prazer, Karnal - Canal Oficial de Leandro Karnal. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/PrazerKarnal>. Acesso em: 04/10/2020

¹⁸ Lili Schwarcz. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/LiliSchwarcz>. Acesso em: 04/10/2020

¹⁹ História da Ditadura. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Hist%C3%B3riaDaDitadura>. Acesso em: 04/10/2020

²⁰ Leitura ObrigaHistória. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/obrigahistoria>. Acesso em: 04/10/2020

²¹ Profª Anelize. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ProfªAnelize>. Acesso em: 04/10/2020

Após este mapeamento, decidimos analisar os canais da categoria divulgação de História. Atentamo-nos aos canais que estavam em atividade e que apresentassem um número interessante de visualizações e de inscritos. A partir desses critérios chegamos aos nossos objetos os canais *Historiar-se* e *Historiô*, ambos abordam questões relacionadas ao conhecimento histórico, são apresentados por historiadores de formação e se utilizam de múltiplos formatos para a divulgação de História, como veremos no próximo capítulo.

3- HISTORAR-SE E HISTORIÔ: CARACTERIZAÇÃO, FORMATOS, TEMÁTICAS E RECEPÇÃO

O *Historiar-se* é produzido e apresentado pelos historiadores Anita Natividade Carneiro²² formada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestranda em História pela UFRGS, atualmente trabalha com educação social em Porto Alegre, também contribui para os projetos “Caminhos da Ditadura em Porto Alegre” e “Pesquisadora Explica”. Carlos Barzotto²³ é igualmente licenciado em História pela UFRGS, Mestre em Educação pela mesma instituição e professor no município de Guaíba-PR.

O *Historiar-se* foi criado em agosto de 2018 e possui 7,8 mil inscritos, 138 vídeos postados e 152.935 mil visualizações²⁴. O canal traz em sua arte de capa a seguinte frase: “Historiar-se porque a História muda você e você muda a História” a logo do canal representada por uma coruja branca com uns livros coloridos ao fundo (figura 1). O responsável pela identidade visual é Fernando Brasil e a produção fonográfica fica por conta de Nicholas Mendes. Eles contam com um financiamento coletivo no site “padrim”²⁵ o apadrinhamento pode ser feito a partir de R\$ 2,00 ao mês com direito a recompensas, que vão desde um “obrigado” ao final do vídeo ou um sorteio mensal de livros.²⁶

Figura 1 – Capa do canal *Historiar-se*



Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*

²² Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8967476380951010> Acesso em: 25/11/2021

²³ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2574529850041680> Acesso em: 25/11/2021

²⁴ Dados coletados no dia 09 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/HistoriarSe/about>

²⁵ Dados coletados dia 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.padrin.com.br/HistoriarSe>

²⁶ Até nossa última consulta, no dia 9 de novembro de 2021, o canal havia arrecadado apenas R\$ 47,00 contando com 12 padrinhas e madrinhas, a meta era arrecadar R\$ 300,00 para custear o serviço de legenda dos vídeos e para a compra de microfones

Figura 2 – Abertura do canal *Historiar-se*



Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*

O *Historiar-se* utiliza-se de diversas redes sociais para divulgação de seus conteúdos. Desde maio de 2020, por exemplo, os áudios dos episódios estão disponíveis na plataforma *Spotify*²⁷ no formato de *podcast*. Além disso, o canal possui perfis no *Instagram*²⁸, no *TikTok*²⁹ e no *Facebook*³⁰. O perfil do *Instagram* é utilizado para realização de enquetes, interação com o público, sorteio de livros e a divulgação dos vídeos postados. No *TikTok*, os produtores distribuem conteúdos mais descontraídos, visando alcançar um público ainda mais amplo. Já o *Facebook* tem sido utilizado apenas para repostar os vídeos disponíveis no canal do *YouTube*.

Desde o primeiro vídeo postado dia 04 de março de 2019, existe uma pessoa responsável pela edição a Ananda Geiss, que utiliza o pacote adobe para a realização dos efeitos gráficos e sonoros. Todos os vídeos contam com uma *thumbnail*³¹ uma imagem referindo-se a temática do vídeo ou apenas uma cor e a imagem do apresentador e o título, geralmente com um ponto de exclamação no final, fazendo com que o público se questione sobre o conhecimento daquele assunto e desperte seu interesse. Um título

²⁷ *Podcast Historiar-se*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6mk6YBuDkeZtacljEJ16zw>. Acesso em: 11/02/2022

²⁸ *Instagram Historiar-se*. Disponível em: https://www.instagram.com/historiar_se/. Acesso em: 11/02/2022

²⁹

³⁰ *Facebook Historiar-se*. Disponível em: <https://www.facebook.com/historiarse/>. Acesso em: 11/02/2022

³¹ *Thumbnail* é a miniatura da imagem usada para atrair a atenção do público e divulgar o conteúdo do canal.

criativo atrai a atenção e o uso das *hashtags* ajuda nas recomendações feitas pelo próprio *Youtube* e uma descrição sobre o conteúdo abordado no vídeo.

A vinheta de abertura usa um trecho da música “não foi Cabral”, escrita pela funkeira MC Carol³², enquanto no vídeo surge o nome do canal escrito em branco em um fundo roxo (figura 2). O principal local de gravação é a casa dos apresentadores, alguns vídeos são gravados nas casas dos convidados entrevistados, as únicas exceções são os episódios “O Brasil paralelo produz história?” gravado na biblioteca da UFRGS e o “Visitamos a exposição Tic-Tac: Nas cordas do tempo” realizado no Departamento do Curso de Museologia no Museu da UFRGS.

O *Historiô* foi criado em setembro de 2017, mas seu primeiro vídeo foi postado apenas em fevereiro de 2018, é apresentado pela historiadora Juliana Gelbcke³³ que possui Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), mestra em História pela mesma instituição, com estudos voltados a História Pública, Didática da História e Cultura Histórica, atualmente é professora do ensino fundamental no município de Ponta Grossa-PR. Felipe Bronoski Soares³⁴ também é formado em História pela UEPG e mestre na área de Ensino de História pela mesma instituição e leciona no ensino médio e pré-vestibulares em Ponta Grossa-PR.

O canal possui 1,9 mil inscritos, 24 vídeos e 56.197 mil³⁵. Na barra playlist existe apenas uma “Programas - #Historiô” com 8 vídeos, o restante dos vídeos está disponível para visualização sem a criação de uma categoria. O responsável pela edição dos vídeos é Guilherme Marcondes, estudante do ensino médio. O canal suspendeu suas atividades em março, e não há nenhuma menção no canal sobre os motivos que levaram a paralisação na produção dos conteúdos. Afetou diversos produtores de conteúdo e que possivelmente este tenha sido o motivo da suspensão dos vídeos.

Ao entrar no canal *Historiô* temos o layout com um fundo azul e a escrita nas cores vermelho e branco, não possuindo uma frase de destaque, e no canto esquerdo os links de acesso as contas do *Facebook* e *Instagram* e logo abaixo a opção de ativar o “sininho” para receber notificações do canal (figura 3). Eles não contam com apoio

³² A letra da música escrita pela funkeira MC Carol lançada no ano de 2015, problematiza sobre o “descobrimento do Brasil” e denúncia do genocídio dos povos indígenas e da população negra.

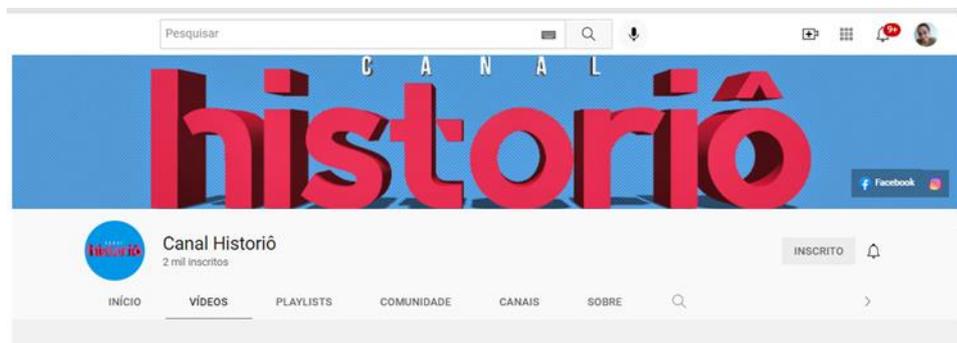
³³ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3237513188795833> Acesso em: 25/11/2021

³⁴ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2223331307177014> Acesso em: 25/11/2021

³⁵ Dados coletados no dia 09 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/CanalHistori%C3%B4/about>.

coletivo financeiro. Na aba inicial temos o vídeo de destaque “Canal *Historiô* 2019 – nova identidade visual”, abaixo alguns vídeos postados e ao final três canais no Youtube como sugestão de acesso do Guilherme Marcondes, Botecos do Edu e o História Recente.

Figura 3 – Capa do canal *Historiô*



Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

O canal não possui nenhuma postagem na aba comunidade. Os canais sugeridos são os mesmos que aparece na página inicial. E por último, não temos uma descrição elaborado pelos produtores, apenas o endereço de e-mail para contato comercial e novamente os links para acesso as redes sociais.

A vinheta do canal é uma música instrumental disponibilizada pelo próprio Youtube para os criadores de conteúdo, não temos a referência na descrição do vídeo para saber quem produziu. A logo é uma degrade azul com roxo em seguida as palavras “cultura”, “memória” e “História” e uma sequência com as fotos dos apresentadores. A vinheta permanece a mesma o que mudou foi a logo em 19 de janeiro de 2019, com cores mais vibrantes no estilo 3D e agora aprece as palavras “cultura”, “memória”, “História Pública”, deixando evidente o objetivo do canal (figura 4 e 5).

Figura 4 – Abertura do canal *Historiô*

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

Figura 5 – Abertura do canal *Historiô*

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

Os cenários onde acontecem as gravações são bem dinâmicos, vão desde uma gravação na rua, com pessoas circulando até em locais fechados como igrejas e museus. No vídeo “Uma Rua de História em Ponta Grossa”, por exemplo, eles contam a história da rua Fernandes Pinheiros, localizada no centro da cidade, que tem um passado relacionado a ferrovias e ponto de encontro de muitos viajantes e trabalhadores. Durante a gravação é possível ver o grande número de pessoas que circulam pelo local e o comércio da região.

3.1 - Os formatos de Divulgação de História no *Historiar-se* e *Historiô*

A facilidade do acesso as mídias sociais, neste caso o *Youtube*, levou ao surgimento de um novo contexto social e econômico, de acordo com Castells (2007), o modo de produção capitalista sofreu alterações e se transformou no informacional, cujo foco está nas inovações tecnológicas, baseado no conhecimento e o rápido acesso as informações. Este rápido acesso a informações, fez com que o interesse pelo passado aumentasse e por conta disso a presença do historiador público no meio digital, é algo importante, como já discutido nos capítulos anteriores.

Quem produz vídeos para plataforma é considerado um *youtuber*. Segundo os autores Motta, Bittencourt e Viana (2014) estes sujeitos podem ser considerados formadores de opinião, devido a quantidade de pessoas que recebem suas mensagens e discursividade usado nos vídeos. Deste modo esses criadores de conteúdo são:

Esses produtores são chamados de Youtubers e concentram milhões de internautas em seus canais, por meio de assinaturas. O Youtuber posta vídeos de acordo com a frequência que lhe convém, e seu conteúdo pode ser assistido por qualquer internauta que encontre seus vídeos através de pesquisa, hiperlink ou pela assinatura de seu canal (MOTTA, BITTENCOURT, VIANA, 2014, p.4)

Os criadores de conteúdo devem escolher qual nicho temático iram abordar em seu canal e qual será seu público alvo. No campo da História, temos alguns formatos de vídeos, que acabam sendo comuns ao analisarmos os canais, são eles: entrevistas, resenha de livros, indicação de filmes e música, análise histórica e conteúdos educacionais. A escolha dos formatos pode variar, dependendo do tipo de assunto trabalhado no canal.

Ao analisarmos os canais *Historiar-se* e *Historiô*, notamos alguns formatos de vídeo comuns em ambos os canais e algumas diferenças. Sendo assim, para realizar de forma adequada a análise comparativa, definimos 11 formatos de vídeos de acordo com suas produções são eles: análise histórica, comentário, documentário, educação, entrevista, excluídos da história, identidade do canal, lista e visita.

“lista” reúne uma sequência de indicações sobre filmes, músicas, séries, livros, etc. a partir de uma temática proposta pelos autores. Em “dicas” apresentam de forma clara e objetiva um assunto que está relacionado ao cotidiano dos apresentadores ou uma experiência acadêmica ou profissional.

“visita” são vídeos dedicados a apresentar um determinado local ou instituição histórica, de modo a apresentar sua história e incentivar o público a conhecer aquele espaço. Na “resenha” temos livros, filmes, séries e outros produtos culturais e histórico, e a opinião dos historiadores sobre a obra. “Análise histórica” são temáticas abordadas com maior profundidade, a partir de múltiplas referências bibliográfica.

“comentário” vídeos no formato mais curto e informal tratando de um tema que vem sendo debatido na sociedade. Na “entrevista” são convidados respondendo determinados temas e divulgando sua pesquisa. O “documentário” busca explorar uma determinada temática através de uma produção audiovisual, roteirizada e dirigida pelo próprio canal. Os “excluídos da história” narra a trajetória de homens e mulheres que pertenciam a um determinado grupo social (mulheres, operários, prisioneiros, LGBTQIA+) e durante muitos anos foram ignorados/excluídos pela historiográfica tradicional.

“identidade do canal” vídeos curtos, com o intuito de divulgar a arte do canal e sua vinheta, além de contar com um vídeo de apresentação dos criadores do canal. Por última “educação” trazendo diferentes metodologias e matérias didáticos para serem utilizados em sala de aula ou no ensino remoto. Foram 66 vídeos produzidos pelos canais, sendo 42 episódios do *Historiar-se* totalizando 11h 48m 0s de horas produzidas e 24 episódios do *Historiô* com duração total de 5h03m 11s. Os dados aqui apresentados, foram coletados no dia 15 de maio de 2021.

O primeiro formato de vídeos que identificamos no *Historiar-se* e *Historiô* é o que denominamos como “entrevista” os 14 episódios foram lançados entre junho de 2018 a fevereiro de 2020, com percentual de 4,62% e 3h4m7s de gravação no *Historiar-se* e no *Historiô* isso representa 0,72% e 1h22m13s de horas totais. Um formato bastante comum nos canais de divulgação de história. Nelas os convidados respondem perguntas elaboradas pelos produtores do canal, afim de discutir uma temática relacionada a área de pesquisa do entrevistado. Apesar de dos canais se enquadrarem no mesmo formato, o *Historiar-se* faz o convite ao pesquisador que grava sua fala e manda para o canal que fica responsável pela edição e postagem do conteúdo. No *Historiô* este formato a entrevista é ocorriam de maneira presencial, com questões elaboradas pelos produtores do canal e respondidas pelo entrevistado durante as gravações. O vídeo de maior destaque no número de visualizações é “O Brasil Paralelo produz História?” com 1,2 mil publicado

no dia 23 de março de 2019 pelo *Historiar-se*. No *Historiô* com 917 visualizações o episódio “A história da cachaça” postado dia 12 de julho de 2018 (quadro 1).

Quadro 1 – Episódios no formato “entrevista”

Data	Título	Duração	Visualizações
05/06/2018	#ep:07 - 5 mitos sobre a ditadura militar	24:13 min	524
12/07/2018	episódio 8 - A história da cachaça	28:56 min	917
02/08/2018	#ep:09 - um papo sobre Paulo Leminski (com Kleber Bordinhão)	29:04 min	381
11/03/2019	Houve tortura na ditadura militar brasileira?	13:46 min	77
23/03/2019	O Brasil Paralelo produz História?	21:09 min	1,2 mil
27/04/2019	Existe uma História das mulheres?	15:04 min	722
02/05/2019	Quem são as classes perigosas?	26:16 min	432
07/07/2019	Mulheres escreviam na Idade Média?	29:51 min	534
07/08/2019	Onde estão os gays na História?	14:32 min	1,9 mil
19/09/2019	Houve movimento negro na ditadura civil-militar brasileira?	17:14 min	514
03/11/2019	Ainda faz sentido ensinar História?	09:16 min	1,1 mil
22/12/2019	Como a Disney vem ensinando a ser princesa?	10:59 min	255
19/01/2020	Como os EUA passaram a acreditar que podiam intervir em outros países?	09:23 min	220
15/02/2020	Como surgiu o movimento trans/travesti em Porto Alegre?	16:37 min	329

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se* e *Historiô*

O segundo formato identificado é o de “visitas”. Foram sete vídeos lançados entre março de 2018 e outubro de 2019, representando 1,68 % da produção total do *Historô* e 0,42% do *Historiar-se*.

O *Historiô* acaba se destacando nesta produção, devido a proposta do canal de contar a história de Ponta Grossa-Pr a partir dos seus espaços, monumentos, festivais e os sujeitos pertencentes aquela localidade, sendo 42m24s de duração total. O vídeo com maior alcance do canal nesta categoria é “a história da capela mais antiga de Ponta Grossa” postado no dia 25 março de 2018 com 366 visualizações. No *Historiar-se*, realizam uma visita ao museu da UFRGS, vinculado ao curso de Bacharelado em Museologia, apresentam a exposição “Tic-Tac: Nas cordas do tempo” com duração de 08m41s publicado no dia 31 de maio de 2019 (quadro 2).

Quadro 2 – Episódios do formato “Visitas”

Data	Título	Duração	Visualizações
25/03/2018	#ep01 - Tiradentes	4:46 min	312
25/03/2018	#ep:02 - historiô na München: um caneco de história	4:55 min	197
27/03/2018	#ep:03 - a história da capela mais antiga de Ponta Grossa	4:53 min	366
08/05/2018	ep:06 - partiu Brasil!? um país de imigrantes	5:23 min	207
31/05/2019	Visitamos a exposição "Tic-Tac: Nas cordas do tempo"	08:41 min	122
25/06/2019	ep:13 - museu dos Campos Gerais	17:43 min	149
06/10/2019	#ep:14 - uma rua de histórias em Ponta Grossa	4:44 min	195

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se* e *Historiô*

A “resenha” possui 08 vídeos, postado entre o março de 2019 e fevereiro de 2020, a porcentagem do *Historiar-se* é de 2,94% do total e para o *Historiô* representa 0,24%. A proposta desse tipo de formato e apresentar obras literárias a partir da leitura, análise e reflexão dos próprios criadores do canal. Os livros apresentados, trazem questões referentes a problemas sociais, questões de gênero, educação, política e história do Brasil, com 2h 07m 30s de vídeos gerado pelo *Historiar-se* e 04m42s do *Historiô*. O vídeo de maior alcance do *Historiar-se* nesse formato é o “Capitalismo, Igreja e o Corpo feminino” divulgado no dia 20 de abril de 2019 alcançado 6,8 mil visualizações, e no *Historiô* seu único vídeo da categoria postado no dia 16 de fevereiro de 2020 soma 125 visualizações (quadro 4).

Quadro 3 – Episódio no formato “resenha”

Data	Título	Duração	Visualizações
20/04/2019	Capitalismo, Igreja e o Corpo feminino	22:36 min	6,8 mil
21/06/2019	E a crise, como chegamos nela?	15:24 min	162
23/06/2019	Prisões, racismo e punição invisível nos E.U.A – Parte 1	33:53 min	400
26/06/2019	Prisões, racismo e punição invisível no brasil – Parte 2	08:07 min	111
12/08/2019	A Escola tá toda errada?	16:03 min	235
17/11/2019	Trabalho doméstico: Casa, Corpo e Cuidado	17:06 min	661
01/02/2020	Como surgiram as prisões?	14:21 min	926
16/02/2020	#ep:15 - Quando o Brasil teve dois carnavais	4:42 min	125

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se e Historiô*

Os “Sujeitos da História” com 05 episódios entre março de 2018 a setembro de 2019, contendo 25m36s de produção do *Historiô* o que representa 0,96% de sua produção e 23m04s de gravação do *Historiar-se* totalizando 0,42% dos vídeos. *Historiar-se* apresentando personagens que não tiveram sua história contada nos livros, pois pertenciam a grupos sociais que durante muito tempo foram excluídos das narrativas históricas, não sendo colocados como sujeitos importantes para construção da sociedade. *Historiô* foca nos homens e mulheres que viveram na região de Ponta Grossa – PR e durante muito tempo sofreram com o apagando de suas histórias. O episódio “Monge João Maria: uma história de religiosidade popular” elaborado pelo *Historiô* possui 1,7 mil visualizações e foi postado no dia 16 de janeiro de 2019. E com apenas um vídeo produzido intitulado “Hatshepsut - uma faraó mulher” com 1,2 mil visualizações publicado dia 12 de setembro de 2019 (quadro 4).

Quadro 4 – Episódios no formato “Sujeitos da História”

Data	Título	Duração	Visualizações
27/03/2018	#ep:04 - um crime em ponta grossa: a história de Corina Portugal	06:01 min	950
07/04/2018	Não compartilhe, denuncie!	00:42 min	153
16/01/2019	#ep:10 – Monge João Maria: uma história de religiosidade popular	04:39 min	1,7 mil
28/02/2019	#ep:12 - Bianchi: um fotógrafo pelos Campos Gerais	14:14 min	160
12/09/2019	Hatshepsut - uma faraó mulher	23:04 min	1,2 mil

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se e Historiô*

A “lista” são 11 episódios produzidos entre março de 2019 e fevereiro de 2020, o que representa 4,62% em relação ao total de 42 vídeos criados pelo canal. Nesse formato são apresentadas resenhas ou resumos, com opiniões a respeito do conteúdo ou contexto de sua produção, além das referências na descrição para entender mais sobre o assunto. Os vídeos do *Historiar-se* totalizam 1h 9m 40s, sendo 1h 48m 0s somente da “lista”. O episódio de maior alcance nessa categoria é o que traz uma lista com “9 livros sobre a

história das mulheres”, lançado em 18 de março de 2019, com 302 visualizações (quadro 5). O *Historiô* não possui esse formato de vídeo.

Quadro 5 – Episódios no formato “lista”

Data	Título	Duração	Visualizações
04/03/2019	9 filmes sobre a Segunda Guerra Mundial	13:59 min	302
18/03/2019	9 livros sobre a história das mulheres	08:36 min	450
28/03/2019	8 vergonhas da História do Brasil	14:40 min	216
11/04/2019	5 games de História	10:49 min	200
04/06/2019	5 filmes em que a Disney e a Pixar ensinaram história	14:32 min	178
08/06/2019	6 canais no Youtube que falam sobre história	09:26 min	242
16/06/2019	5 documentários sobre educação	09:33 min	165
08/12/2019	7 ferramentas digitais para o Ensino de História Parte 1	08:16 min	405
06/01/2020	7 filmes para ajudar a entender o brasil	14: 39 min	259
12/01/2020	7 ferramentas digitais para o ensino de história Parte 2	08:23 min	299
08/02/2020	7 sites de documentos digitalizados para pesquisar e usar na sala de aula	09:06 min	180

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*

O formato “dicas” pode ser encontrado em dois vídeos do *Historiar-se*. Um episódio apresenta “as melhores dicas para fazer o TCC perfeito” e o outro discute “como é ser professor/a?”. Nos vídeos, Anita e Carlos Eduardo, relatam suas experiências pessoais no ambiente universitário e suas rotinas como professores da educação básica, contando os desafios enfrentados, suas conquistas e uma reflexão pessoal destes momentos. Os vídeos foram elaborados de maneira mais descontraída, cada um relata sua vivência e dão dicas principalmente para quem está começando um projeto de pesquisa ou iniciando na carreira docente. Somados os episódios atingem 40 minutos e 51 segundos de duração, o que representa 0,82% em relação a produção total do canal. O vídeo com maior alcance foi “Como é ser professor/a?”, lançado em 2 de setembro de 2019, com um total de 342 visualizações (quadro 6). Este formato não é realizado pelo canal *Historiô*.

Quadro 6 – episódio no formato “dicas”

Data	Título	Duração	Visualizações
10/05/2019	As melhores dicas para fazer o TCC perfeito	15:56 min	138
02/09/2019	Como é ser professor/a?	24:55 min	342

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal Historiar-se

No formato “análise histórica” o *Historiar-se* publicou episódios entre junho de 2019 a janeiro de 2020 o que caracteriza 2,52% de toda sua produção somando 2h7m30s de gravação. Os vídeos buscam discutir, assuntos que estão em alta na sociedade de maneira aprofundada, com embasamento crítico, utilizando ampla bibliografia e diversificada metodologia de análise histórica. O episódio de maior destaque nesse formato foi dedicado a discutir a Base Nacional Comum Curricular, o vídeo “BNCC e Ensino de História: o que muda?”, publicado no dia 24 de novembro de 2019, atingiu o número expressivo de 9,3 mil visualizações (quadro 7). O *Historiô* não trabalha com esse tipo de formato. No canal *Historiô* não tem esse formato.

Quadro 7 – Episódios no formato “análise histórica”

Data	Título	Duração	Visualizações
14/03/2019	A História Pública	06:03 min	356
30/06/2019	Escola sem partido: é possível ensinar História de forma neutra?	17:48 min	244
27/08/2019	Mina Guaíba, mineração, meio ambiente e globalização	15:49 min	285
25/10/2019	Ideologia de Gênero: ela existe? O que é?	17:02 min	272
10/11/2019	Neoliberalismo e Democracia	16:12 min	448
24/11/2019	BNCC e Ensino de História: o que muda?	20:07 min	9,3mil
26/01/2020	Existe política neutra?	12:15 min	159

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal Historiar-se

O sexto formato identificado é o “comentário” contendo 03 vídeos, abordando assuntos do momento, sendo gravados de maneira mais objetiva, tratando diretamente do assunto. Os episódios foram gravados entre março de 2018 a junho de 2018, totalizando 7m11s de gravação e representa 0,72% da produção do canal. O vídeo com maior número de visualizações é série “La Casa de Papel” lançada pela *Netflix* no ano de 2017. No

episódio do canal “A história de Bella Ciao de La Casa de Papel” postado no dia 27 de março de 2018 chegando a 4,3 mil visualizações (quadro 8). O Historiar-se não produz vídeos com esse formato.

Quadro 8 – Episódios no formato “comentário”

Data	Título	Duração	Visualizações
27/03/2018	#ep:05 - A história de Bella Ciao de La Casa de Papel	05:16 min	4,3 mil
20/06/2018	#HistoriôNaCopa01 - Mundo em guerra e as copas que não aconteceram	00:57 min	51
20/06/2018	#HistoriôNaCopa02 – A Copa de Mussolini	0:58 min	78

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

O formato “documentário” é uma proposta do *Historiô*, bastante interessante, pois dificilmente encontramos uma produção audiovisual elaborada por historiadores e disponível no *Youtube*. São 02 produções realizadas em outubro de 2019 e novembro do mesmo ano, somando 1h5m37s de gravação e 0,48% de toda produção do canal. Os documentários retratam os sujeitos que tiveram importância histórica na construção da memória de Ponta Grossa-PR, retratando seu dia-a-dia, suas contribuições com a comunidade e como as pesquisas acadêmicas vem sendo desenvolvidas em torno destes sujeitos. Sendo a produção audiovisual “Agô - minha cidade tem saravá” divulgado dia 19 de novembro com total de 173 visualizações (quadro 9). O Historiar-se não produz vídeos nesse formato.

Quadro 9 – Episódios no formato “documentário”

Data	Título	Duração	Visualizações
09/10/2019	documentário: nas lentes de domingos - canal historiô	33:41 min	84
19/11/2019	Agô - minha cidade tem saravá	31:56 min	173

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

A “identidade do canal” contendo 05 vídeos lançados em fevereiro de 2018 até janeiro de 2019, representando um percentual de 1,2% e 08m19s de gravação. Somente o *Historiô* trabalha com esse formato, com vídeos para divulgação da vinheta, slogan do canal e um episódio contando a história do canal e dos seus produtores. O vídeo com maior número de visualizações é “canal Historiô 2019 - nova identidade visual” postado dia 19 de janeiro de 2019 (quadro 10). Historiar-se não possui esse formato.

Quadro 10 – Episódios no formato “identidade do canal”

Data	Título	Duração	Visualizações
17/02/2018	canal Historiô - comercial de lançamento	0:07 min	89
17/02/2018	canal Historiô – vinheta	0:13 min	230
17/02/2018	canal Historiô - apresentação (ep:06) canal Historiô	0:07 min	82
19/01/2019	canal Historiô 2019 - nova identidade visual	0:09 min	321
19/01/2019	#ep:11 - canal historio completa 1 ano	7:43 min	127

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

O último formato identificado nomeamos de “educação” com apenas um vídeo produzido pelo Historiar-se, publicado em outubro de 2019, com duração de 20m27s totalizando 0,42% de toda produção do canal. Neste formato de vídeo, temos dicas de materiais, metodologias e recursos digitais ou físicos para serem utilizados em sala de aula, não focando apenas no conteúdo para o ensino de História, mas tratando da educação em geral (quadro 11). O *Historiô* não produz vídeos nesse formato.

Quadro 11- Episódios no formato “Educação”

Data	Título	Duração	Visualizações
05/10/2019	Aprendizagem Baseada em Projetos	20:27 min	372

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*

Estes formatos não são fixos, podem surgir novos formatos no canal, ocorrer mudanças em alguns ou até mesmo serem excluídos. O *Historiar-se* que continua com suas atividades, lançou dois novos formatos de vídeos no ano de 2021, temos um que convida pesquisadores(as) de História que trabalham com a temática da cultura pop, de que forma este tipo de conteúdo pode ser utilizado como pesquisa histórica e quais os questionamentos e reflexões que podem ser feitos. E o outro formato em parceria com o *Podcast* “Tem profissional da História aí?” da Prof.^a Dr.^a Tatyana Maia (PUCRS) e do doutorando em História Leonardo Fetter (PUCRS) os vídeos vão tratar dos possíveis espaços de atuação dos historiadores, não ficando restrito apenas ao ambiente de sala de aula. Este formato, conta com a participação de profissionais que atuam nestas áreas.

Historiar-se adota o modelo de gravação bastante comum, utilizado pela maioria dos criadores de conteúdo para divulgação de história. Gravam seus vídeos em um ambiente fechado, bem iluminado, utilizando o microfone a lapela para melhor captação do áudio e uma câmera posicionada de maneira que apareça os apresentadores no primeiro plano e ao fundo uma estante de livros. Quando o formato é de entrevista, o cenário muda conforme o ambiente que o convidado está podendo ser sua casa ou um ambiente silencioso como uma biblioteca.

Historiô apresenta um formato diferente quando comparamos com outros canais de divulgação de história. Pois ele não só apresenta o conteúdo proposto, mas realiza as gravações em diferentes pontos da cidade, e são nestes locais que eles narram os acontecimentos, problematizam os discursos, contextualizam o período e relembram as memórias daquele local. Os aparatos tecnológicos usados é uma câmera, a iluminação acaba sendo natural ou da própria câmera, eles não fazem uso do microfone a lapela (somente no vídeo de visita ao Museu e na gravação do documentário) a câmera permanece fixa somente quando eles estão contando sobre a temática, sempre com o apresentador na frente a paisagem do lugar ao fundo.

Os canais tem a mesma proposta, de trabalhar com a história pública no *Youtube*, porém seguindo alguns formatos diferentes e traçando seus objetivos, visando o público que desejam atrair. Sendo assim, através da análise é possível notar que não existe uma única maneira de trabalhar com história pública nas redes sociais.

3.2 - Com quantos temas se faz História Pública?

Após verificarmos os formatos de vídeos utilizados pelo *Historiar-se* e o *Historiô*, iremos compreender quais as temáticas são trabalhadas e como o conteúdo é apresentado ao público. Como já foi possível observar na análise dos formatos, os canais não focam em uma única temática, pelo contrário, temos assuntos que vão desde questões locais até debates atuais da sociedade. Desta forma, eles conseguem atrair um público variado.

Diante disso, vimos a necessidade de organizar os vídeos por temáticas, classificando de acordo com a corrente metodológica, que foi definida baseando-se no conteúdo do vídeo e suas referências bibliográficas. Identificamos sete grandes áreas temáticas são elas: História Política, História e Gênero, Ensino de História, História do Tempo Presente, História e religiosidade, Museus e História Regional e Local. Abaixo os quadros e suas respectivas temáticas que forma coletados no dia 19 de maio de 2020.

Quadro 12 – Vídeos do *Historiar-se* sobre História Política

Data	Título	Duração	Visualizações
16/02/2020	#ep:15 - Quando o Brasil teve dois carnavais	4:42 min	125
01/02/2020	Como surgiram as prisões?	14:21 min	926
26/01/2020	Existe política neutra?	12:15 min	159
19/01/2020	Como os EUA passaram a acreditar que podiam intervir em outros países?	09:23 min	220
10/11/2019	Neoliberalismo e Democracia	16:12 min	448
19/09/2019	Houve movimento negro na ditadura civil-militar brasileira?	17:14 min	514
27/08/2019	Mina Guaíba, mineração, meio ambiente e globalização	15:49 min	285
30/06/2019	Escola sem partido: é possível ensinar História de forma neutra?	17:48 min	244
26/06/2019	Prisões, racismo e punição invisível no brasil – Parte 2	08:07 min	111
23/06/2019	Prisões, racismo e punição invisível nos E.U.A – Parte 1	33:53 min	400
21/06/2019	E a crise, como chegamos nela?	15:24 min	162

02/05/2019	Quem são as classes perigosas?	26:16 min	432
28/03/2019	8 vergonhas da História do Brasil	14:40 min	216
23/03/2019	O Brasil paralelo produz História?	21:09 min	1,2 mil
11/03/2019	Houve tortura na ditadura militar brasileira?	13:46 min	77
04/03/2019	9 filmes sobre a Segunda Guerra Mundial	13:59 min	302

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*

Quadro 13 – Vídeos do *Historiô* sobre História Política

Data	Título	Duração	Visualizações
20/06/2018	#HistoriôNaCopa01 - Mundo em guerra e as copas que não aconteceram	00:57 min	51
20/06/2018	#HistoriôNaCopa01 - Mundo em guerra e as copas que não aconteceram	00:57 min	51
05/06/2018	#ep:07 - 5 mitos sobre a ditadura militar	24:13 min	524
27/03/2018	#ep:05 - a história de Bella Ciao de La Casa de Papel	05:16 min	1,3 mil

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

A primeira temática que identificamos nos canais e a denominamos como “História Política” totalizando 20 episódios sendo 16 vídeos do *Historiar-se* e 04 vídeos do *Historiô*. O *Historiar-se* adota os formatos de entrevista e análise histórica para tratar desta questão. No *Historiô* temos os formatos entrevistas e comentários sobre a temática política.

Os vídeos de maior alcance nesta temática é a entrevista “O Brasil Paralelo Produz História?” produzido pelo *Historiar-se* lançado em 23 de março de 2019, acumulando mais de 1,2 mil visualizações e o comentário do *Historiô* sobre “#ep:05 - a história de Bella Ciao de La Casa de Papel” postado no dia 27 de março de 2018 alcançando 4,3 mil visualizações.

No vídeo “O Brasil Paralelo Produz História?” temos o convidado Prof^o Dr^o Fernando Nicolazzi professor do departamento de História UFRGS e membro do Laboratório de Estudos Sobre os usos Políticos do Passado (LUPPA). Nicolazzi vai responder estão questão e como a direita brasileira tem se apropriado de certas narrativas e ganhando espaço nas mídias com a produção deste tipo de conteúdo.

Logo no início do vídeo a pergunta é respondida com uma afirmação, segundo Niccolazi “Eu acho que ela produz uma narrativa histórica sobre o nosso passado, e disso eu não tenho a menor dúvida” (NICCOLAZI, 2019) e como forma de elaborar melhor seus argumentos, o entrevistado propõe pensarmos sobre o tipo de história que o Brasil Paralelo vem produzindo e como está narrativa sobre o passado tem funcionado na sociedade contemporânea. Ao contextualizar seu surgimento, Niccolazi enfatiza a atuação do Brasil Paralelo no campo da direita política e todos os envolvidos na criação deste projeto.

Sua crítica é feita principalmente a série que eles lançada no *Youtube* chamada “Brasil: a Última Cruzada” que fez sucesso devido aos ataques que eles fizeram aos professores de história, com as frases “essa série vai desmentir seu professor de história”, colocando o professor como doutrinador e a escola não cumprindo com o seu papel. Desta forma, ao analisarmos esta série devemos partir da perspectiva monárquica e do liberalismo econômico (NICCOLAZI, 2019).

Não temos a presença na frente das câmeras dos produtores do canal, apenas o entrevistado aparece. A gravação é realizada na biblioteca da UFRGS, utilizando uma câmera e o microfone a lapela, a iluminação é ambiente e não temos ruídos que atrapalhem o áudio ou distrações durante a explicação. Na descrição do vídeo não há referências bibliográficas, apenas um texto descrevendo o assunto que será discutido e o link para as outras redes sociais do *Historiar-se* e a responsável pela edição. O vídeo possui legenda.

O episódio “A história de Bella Ciao de La Casa de Papel” temos a presença dos produtores do canal que vão comentar sobre a música *Bella Ciao* que se tornou famosa por conta da série *La Casa de Papel* disponível na plataforma *Netflix*.

Seu foco não é apresentar a série, mas contar sobre a história da música que foi um importante hino de resistência contra o fascismo na Itália. Juliana Gelbcke, faz um resumo da história contada na série que se tornou muito popular em vários países. Felipe Soares, contextualiza o período histórico de criação da música que foi utilizada pela classe trabalhadora da Itália contra o fascismo de Mussolini “essa resistência italiana chegou a abranger mais ou menos de 300 a 400 mil pessoas que pegaram em armas pela libertação italiana” (SOARES,2018). São colocadas imagens da época e Soares análise dois trechos da música, em que apresenta a luta e resistência destas pessoas.

O vídeo foi gravado em uma praça, não é possível saber o nome pois não está descrito no vídeo, mas é provável que esteja localizada na região de Ponta Grossa-PR. Eles utilizam uma câmera, a iluminação é própria do ambiente e não usam o microfone a lapela. Apesar de ser um vídeo gravada em um local público, não temos muitas interferências de ruídos sonoros ou distração ao fundo. Na descrição apenas um texto informando sobre o conteúdo abordado e não temos as referências bibliográficas para consulta. O vídeo possui legendas.

Quadro 14 – Vídeos sobre História e Gênero do *Historiar-se*

Data	Título	Duração	Visualizações
15/02/2020	Como surgiu o movimento trans/travesti em Porto Alegre?	16:37 min	329
22/12/2019	Como a Disney vem ensinando a ser princesa?	10:59 min	255
17/11/2019	Trabalho doméstico: Casa, Corpo e Cuidado	17:06 min	661
25/10/2019	Ideologia de Gênero: ela existe? O que é?	17:02 min	272
12/09/2019	Hatshepsut, uma faraó mulher	23:04 min	1,2 mil
07/08/2019	Onde estão os gays na História?	14:32 min	1,9 mil
07/07/2019	Mulheres escreviam na Idade Média?	29:51 min	534
27/04/2019	Existe uma História das mulheres?	15:04 min	722
20/04/2019	Capitalismo, Igreja e o Corpo feminino	22:36 min	6,8 mil
02/04/2019	Os maiores nomes da História	10:00 min	405
18/03/2019	9 livros sobre a história das mulheres	08:36 min	450
07/04/2018	não compartilhe, denuncie!	00:42 min	153
27/03/2018	#ep:04 - um crime em ponta grossa: a história de Corina Portugal	06:01 min	950

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*.

Quadro 15 – Vídeos sobre História e Gênero do *Historiô*

Data	Título	Duração	Visualizações
07/04/2018	não compartilhe, denuncie!	00:42 min	153
27/03/2018	#ep:04 - um crime em ponta grossa: a história de Corina Portugal	06:01 min	950

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

O tema “História e Gênero” pode ser encontrado em 11 episódios produzidos pelo canal *Historiar-se* e apenas dois pelo *Historiô*. No *Historiar-se* o vídeo de maior alcance nessa temática foi veiculado no dia 20 de abril de 2019, intitulado “Capitalismo, Igreja e Corpo Feminino”. Trata-se de uma resenha do livro *Calibã e as bruxas* da autora Silva Fedreci que aborda a questão das bruxas durante a Idade Média, de uma maneira pouco explorada. O vídeo apresentado ~~pela~~ por Anita Carneiro, ~~ela~~ aponta os principais pontos do livro e os argumentos centrais levantados pela autora italiana. São feitas críticas a Marx e Foucault e o fato deles não terem levado a questão das mulheres em suas obras. São explicadas as relações entre o capitalismo, a Igreja e o corpo feminino desde o período feudal. Carneiro durante sua explicação utiliza exemplos da sala de aula e do conteúdo de História, isso se deve a sua atuação como Educadora Social e aproximar o conteúdo com as aulas de História.

Em termos técnicos, a gravação ocorre em um ambiente fechado, mas bem iluminado, com a câmera posicionada de forma que apareça Anita ~~na frente~~ em primeiro plano e ao fundo, compondo o cenário, uma pequena estante contendo livros e uma escrivaninha branca. Não temos a interferência de ruídos ou distrações no vídeo que atrapalhem a explicação. Na descrição temos um pequeno texto informando sobre o assunto abordado, o link para comprarmos o livro, indicações de outros livros sobre a temática são eles: *Queijo e os Vermes* - Carlo Ginzburg, *História Noturna* - Carlo Ginzburg, *Mulheres, Raça e Classe* - Angela Davis, *Malleus maleficarum* - Martelo das Feiticeiras, *História do Medo no Ocidente* - Jean Delumeau. E uma indicação de dois vídeos que falam sobre o livro *Calibã e as Bruxas*: Fala de Silvia Federici e Review do livro no canal da Lua Sheyla. O vídeo possui legenda.

No *Historiô* temos o vídeo “um crime em ponta grossa: a história de Corina Portugal” o vídeo se com a Juliana Gelbecke falando sobre o assassinato de Corina

Portugal em 1889 por cona de uma suposta traição. Felipe Soares conta a história do marido um advogado importante da cidade e das ameaças e violências que Corina Portugal sofria, este caso ganhou repercussão na época e Corina se tornou um símbolo da luta feminina. O cemitério localizado em Ponta Grossa que está sepultado seu corpo, recebe diversas visitas e homenagens. Ao final do vídeo eles trazem uma reflexão sobre as disputas políticas no campo da história, pois a principal avenida de Ponta Grossa recebe o nome Vicente Machado o advogado que culpou Corina e não puniu seu assassino, mesmo com os protestos de grupos sociais para mudar o nome da avenida, não houve alteração.

A gravação ocorre em três cenários, dentro do cemitério onde está enterrada Corina Portugal, o lado de fora do cemitério e na avenida, está troca de ambientes para gravação, deixa o vídeo bem dinâmico, e o público consegue visualizar sobre o assunto abordado, a câmera permanece posicionada de forma que aparece os apresentadores no primeiro plano e ao fundo o espaço que eles estão se referindo. A iluminação é natural, não fazem uso de microfones e temos a câmera posicionada em um tripé evitando que balance e comprometa os trabalhos. Não temos as referências bibliográficas na descrição apenas um texto curto informando sobre o conteúdo. O vídeo é legendado

Quadro 16 – Episódios com a temática “Ensino de História” *Historiar-se*

Data	Título	Duração	Visualizações
08/02/2020	7 sites de documentos digitalizados para pesquisar e usar na sala de aula	09:06 min	180
12/01/2020	7 ferramentas digitais para o ensino de história Parte 2	08:23 min	299
06/01/2020	7 filmes para ajudar a entender o brasil	14: 39 min	259
08/12/2019	7 ferramentas digitais para o Ensino de História Parte 1	08:16 min	405
24/11/2019	BNCC e Ensino de História: o que muda?	20:07 min	9,3mil
03/11/2019	Ainda faz sentido ensinar História?	09:16 min	1,1 mil
05/10/2019	Aprendizagem Baseada em Projetos	20:27 min	372
02/09/2019	Como é ser professor/a?	24:55 min	342

12/08/2019	A Escola tá toda errada?	16:03 min	235
16/06/2019	5 documentários sobre educação	09:33 min	165
08/06/2019	6 canais no Youtube que falam sobre história	09:26 min	242
04/06/2019	5 filmes em que a Disney e a Pixar ensinaram história	14:32 min	178
10/05/2019	As melhores dicas para fazer o TCC perfeito	15:56 min	138
11/04/2019	5 games de História	10:49 min	200

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*.

O *Historiô* não produz vídeos com está temática, optando por outros assuntos que não se enquadram no ensino de História.

Ao todo são 14 episódios criados pelo *Historia-se* com formatos variados, temos entrevista, análise histórica, lista e comentário. Com o maior número de visualizações temos “BNCC e Ensino de História: o que muda?” postado no dia 24 de novembro de 2019. Nele temos a presença do produtor do canal Carlos Eduardo Barzoto que problematiza o documento da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) homologada no ano de 2018 e quais as mudanças que este documento trouxe para educação, as práticas docentes e principalmente para o ensino de História.

Barzoto apresenta a BNCC a partir de perguntas chaves que serão respondidas ao longo do vídeo: o que muda na nossa prática pedagógica com a BNCC? Quais os interesses postos nessa mudança? E para o Ensino de História, algo muda? Ele também discutiu as questões políticas que estão por trás da elaboração da BNCC e como isso impacta na educação brasileira.

A gravação é realizada em um ambiente fechado, com boa iluminação, não tem ruídos ou distrações que atrapalhem a explicação, a câmera está posicionada de maneira que apresente o Carlos Eduardo em um primeiro plano e ao fundo um painel com alguns objetos de decoração e uma pequena pilha de livros. Não fazem uso de imagens, apenas frases que aparecem ao longo do vídeo com intuito de enfatizar sua fala. O vídeo possui referências bibliográficas que foram citadas ao longo do vídeo.

Quadro 17 – Vídeos sobre História do Tempo Presente *Historiar-se*

Data	Título	Duração	Visualizações
14/03/2019	A História Pública	06:03 min	356

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*

. Quadro 18 – Vídeos sobre História do Tempo Presente *Historiô*

19/01/2019	canal Historiô 2019 - nova identidade visual	0:09 min	321
19/01/2019	#ep:11 - canal historio completa 1 ano	7:43 min	127
17/02/18	canal Historiô - comercial de lançamento	0:07 min	89
17/02/18	canal Historiô – vinheta	0:13 min	230
17/02/18	canal Historiô - apresentação (ep:06) canal Historiô	0:07 min	82

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

Nesta temática, a organização se fez devido a forma como os canais estão divulgando a história pública, elaborando vídeos que falem sobre o seu próprio canal e podem ser compartilhados em outras redes sociais, atraindo o público por conta da informação transmitida.

Historiô fez um vídeo intitulado “#ep:11 - canal historio completa 1 ano” em que conta a história dos produtores do canal sua formação acadêmica e área de atuação e do responsável pela edição dos vídeos. Eles falam os motivos que levaram a criação do canal, os desafios enfrentados durante o primeiro ano e quais os novos objetivos que eles pretendem alcançar com o canal. A gravação ocorre em um parque localizado em Ponta Grossa, temos a interferência de ruídos, mas é possível compreender a fala dos apresentadores devido ao uso de microfones.

Historia-se com o seu vídeo “A História Pública” lançado em 14 de março de 2019, discuti o que seria a História Pública e qual o papel dos historiadores neste campo de pesquisa. O vídeo é apresentado pela Anita Carneiro, ela utiliza diversas referências no vídeo para explicar esta questão e usa como exemplo a criação do canal numa tentativa de trabalhar com a História Pública no *Youtube*. Carneiro apresenta alguns conceitos importantes para quem deseja trabalhar com História Pública e realizar pesquisas. O cenário para gravação é o mesmo dos vídeos anterior, um ambiente fechado bem

iluminado, tem o uso de microfone e a câmera também está no mesmo ângulo de vídeos anteriores.

Quadro 19 – Vídeos sobre História e a religiosidade *Historiô*

data	título	duração	visualizações
19/11/2019	agô - minha cidade tem saravá	31:56 min	173
16/01/2019	#ep:10 – monge João Maria: uma história de religiosidade popular	04:39 min	1,7 mil
27/03/2018	#ep:03 - a história da capela mais antiga de ponta grossa	4:53 min	366

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*.

Não identificamos vídeos do *Historiar-se* com esta temática no recorte temporal que delimitamos. São três vídeos do *Historiô* que focam na questão da religiosidade em Ponta Grossa, sendo um no formato de documentário, apesar de não ser o vídeo nesta temática com maior número de visualizações, acredito que seja importante destacar esta produção, afinal, não é sempre que assistimos um documentário disponível no Youtube feito por historiadores.

O documentário “agô - minha cidade tem saravá” disponível no canal desde o dia 19 de novembro de 2019, e aborda as religiões afro-brasileiras o candomblé e a umbanda presentes na cidade de Ponta Grossa-PR. Além de apresentar os terreiros, cantorias e festejos e discutir a questão da intolerância religiosa e o preconceito da sociedade. Neste documentário são entrevistadas diversas pessoas ligadas a estas religiões.

Para esta produção eles contam com o apoio de algumas instituições como a Prefeitura de Ponta Grossa, Fundação Municipal da Cultura de Ponta Grossa e o Conselho Municipal de Política Cultural. O projeto foi selecionado pela Seletiva de Apoio a projetos em Cinema, Fotografia e Vídeo.

No início temos os relatos dos entrevistados sobre como iniciaram na Umbanda e no Candomblé. A gravação é feita nos próprios terreiros, posicionando a câmera de modo que apareça o entrevistado na frente e a imagem de santos ou do espaço ao fundo, o local é chamado Casa do Pai Ricardo, que aparece nas gravações. A edição coloca

imagens e gravações das celebrações, com muita música e cantorias, neste momento Juliana Gelbecke faz uma narração da importância destas religiões na vida dos escravizados “o culto aos Orixás muitas vezes foi a força vital da resistência, foi a crença de que tudo poderia ser melhor, foi o orgulho de quem bate no peito em nome dos seus deuses e deusas”³⁶

Apresentam os rituais, a forma como respeitam a natureza, os estudos praticados ao longo de gerações e suas simbologias. Um dos entrevistados contam algumas histórias dos orixás e que trazem um ensinamento importante para os praticantes da religião. Temo a entrevista do Prof. Robson (não é mencionada sua instituição e seu sobrenome) falando sobre o conservadorismo de Ponta Grossa e a intolerância religiosa. Segundo ele “Quando a universidade, a pesquisa, a produção cultural, a produção de documentário começam a focar na possibilidade de interpretar essa realidade múltipla, diversa como possibilidade analítica isso certamente é uma contribuição a mais [...] criando mecanismo da História Pública dessa experiência social e isso é uma coisa hoje muito importante a invisibilidade desses grupos é o maior problema que hoje eles vivem, pois a visibilidade que eles têm são nas páginas policiais ou na cadeia”³⁷. Além da intolerância religiosa são tratadas as questões do racismo, pois este preconceito também é uma prática racista contra a população negra e sua cultura e religião.

São utilizados microfones para melhor captação do som, a iluminação é boa, não temos interferência de ruídos e outros fatores que atrapalhem as gravações. Na descrição do vídeo temos um pequeno texto sobre o assunto abordado e não temos referências bibliográficas, o documentário coloca apenas o primeiro nome das pessoas entrevistadas, não apresentando sua profissão ou qual o grau de importância no terreiro, dificultando nossa análise. O vídeo não possui legenda.

Quadro 20 – Vídeos na área de Museus *Historiar-se*

Data	Título	Duração	Visualizações
25/06/2019	ep:13 - Museu dos Campos Gerais	17:43 min	160

³⁶ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=h2JBlm1dVXg&t=1466s&ab_channel=CanalHistori%C3%B4. Acesso em: 20/03/2022

³⁷ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=h2JBlm1dVXg&t=1466s&ab_channel=CanalHistori%C3%B4. Acesso em: 20/03/2022

31/05/2019	Visitamos a exposição "Tic-Tac: Nas cordas do tempo"	08:41 min	122
08/05/2018	ep:06 - partiu Brasil!? um país de imigrantes	5:23 min	149

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*

Quadro 21 – Vídeos na área de Museus *Historiar-se*

Data	Título	Duração	Visualizações
08/05/2018	ep:06 - partiu Brasil!? um país de imigrantes	5:23 min	149
25/06/2019	ep:13 - Museu dos Campos Gerais	17:43 min	160

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

Com apenas um vídeo de vista ao Museu, o *Historiar-se* nos leva para conhecer a exposição curricular “Tic-Tac: Nas cordas do tempo” do curso de Museologia da UFRGS. Quem apresenta a exposição é a Iandora Quadrado graduada em História, segundo ela a ideia da temática é problematizar como os medidores de tempo impactam na nossa vida e qual sua relação com os dias atuais.

Na sequência as graduandas em Museologia da UFRGS Daniela Mei Lipp Nissinem e Victória Deckmann Santos apresentam os objetos da exposição, pensando sempre na relação da produtividade e o tempo, o ser humano, está sempre trabalhando muito e descansando pouco. O modo de vida focado na alta produtividade e não no bem estar, fazendo com que a sociedade pense que este é o seu único modo de vida. Os objetos apresentados são fotografias, relógios diversos, artigos de povos indígenas como forma de apresentar o tempo a partir de uma visão cíclica. Ao final é feito um convite ao público para visitar o Museu.

Dessa vez a câmera não está posicionada de forma fixa, os apresentadores não aparecem no vídeo somente os entrevistados e ao final são apresentados mais objetos em exposição no Museu.

A visita realizada pelo *Historiô* no “ep:13 - Museu dos Campos Gerais” sendo entrevistado o professor Niltonci Chaves, coordenador do Museu em parceria com a

UEPG. Nesta entrevista, são lançadas diversas perguntas tratam de assuntos sobre os incêndios que ocorreram em museus do país, a importância deste espaço para preservação do patrimônio material e a relação com o público.

De acordo com Niltonci, as pessoas devem entender o museu como espaço dinâmico, não sendo apenas um espaço de produção, mas sim de produção do conhecimento. A exposição é do fotógrafo Orlando Azevedo, contando com 44 fotografias que representam a identidade e a cultura do Paraná.

A gravação é realizada no Museu, primeiramente em uma sala e depois circulando pela exposição. A câmera posicionada de maneira que apareça os produtores do canal e os entrevistados.

Quadro 22 – Vídeos na área de História Regional e Local *Historiô*

Data	Título	Duração	Visualizações
09/10/2019	documentário: nas lentes de domingos - canal historiô	33:41 min	84
06/10/2019	#ep:14 - uma rua de histórias em Ponta Grossa	4:44 min	195
28/07/2019	documentário nas lentes de domingos	01:53 min	89
28/02/2019	#ep:12 - Bianchi: um fotógrafo pelos campos gerais	14:14 min	160
02/08/2018	#ep:09 - um papo sobre Paulo Leminski (com Kleber Bordinhão)	29:04 min	381
12/07/2018	episódio 8 - a história da cachaça	28:56 min	917
25/03/2018	#ep01 - Tiradentes	4:46 min	312
25/03/2018	#ep:02 - historiô na München: um caneco de história	4:55 min	197

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*.

A temática “História Local e Regional” não consta nas produções do *Historiar-se* de acordo com o nosso levantamento.

Novamente temos a elaboração do documentário pelo canal *Historiô*, postado no dia 28 de fevereiro de 2019 com o título “documentário: nas lentes de domingos - canal historiô” que conta a história de Domingos Silva Souza, proprietário do Foto Elite, sendo considerado o fotógrafo mais importante de Ponta Grossa.

Gravado em 2019, ano em que Domingos encerrou as atividades do Foto Elite, proprietário desde 1977. Seu acervo de fotografias foi doado para a Universidade Estadual do Paraná (UEPG), sendo expostas no Museu de Campos Gerais. O canal acompanha a confraternização realizada para seu Domingos, com a presença de amigos e parentes e sua despedida de Ponta Grossa.

São entrevistados estudantes da UEPG que tiveram a oportunidade de conhecer e trabalhar com Domingos, aprendendo sobre o manuseio correto das câmeras, tipos de fotografias, iluminação e todo conhecimento adquirido em sua carreira como fotógrafo. Alguns professores são entrevistados, e relatam sobre a importância do Domingos na história da cidade. E clientes que relatam da importância do Foto Elite e as lembranças daquele lugar.

Infelizmente, as partes em que aparecem Domingos falando sobre sua história, o áudio está muito baixo, ficando difícil a compreensão, não utilizaram microfones para melhor captação do som. Este documentário conta as seguintes parcerias: Museu de Campos Gerais, LetrasShow Comunicação Visual, Engenho 227 Cachaçaria e Ade! Publicidade e Propaganda.

As temáticas apresentadas pelos canais *Historia-se* e *Historiô* são bem variadas, alguns vídeos são realizados devido ao interesse acadêmico, no caso o historiador Carlos Eduardo gosta de trabalhar a questão de Gênero devido seus trabalhos e pesquisas produzidos na graduação e a Anita Carneiro tem seu foco na educação, por conta do seu trabalho. Felipe Soares e Juliana Gelbcke apostam em novos formatos para trabalhar a História Pública no Youtube, produzindo documentários que tratem da história de Ponta Grossa-PR.

Entretanto, eles produzem vídeos conforme a demanda do público, os vídeos gravados no formato de documentários são um exemplo disso, abordando temáticas atuais discutidas pela sociedade, isso nos mostra que ambos os canais estão empenhados em produzir conteúdo de qualidade para um público amplo.

3.3 - Recepção do público

Ao trabalharmos com o *YouTube* e sua audiência, devemos compreender a forma como a plataforma recomenda determinados vídeos e quais são as métricas utilizadas para se ter um alcance maior. O maior número de visualizações acarreta em mais “gostei” e “não gostei” e vários comentários. Um mesmo usuário pode visualizar um único vídeo várias vezes e realizar diversos comentários, porém as ações de “gostar” e “não gostar”, só podem ser realizadas uma vez, mesmo sem efetuar o login.

Portanto, visualizar não necessariamente implica em curtir, não gostar e comentar (ação que pode ser deletada pelo usuário), além disso, não sabemos se os usuários assistiram ao vídeo até o final, pois o *YouTube* considera o número de visualizações toda vez que alguém aperta play. Sendo assim, nossa análise será realizada nos vídeos com a temática cujo número de visualizações foi maior.

Para analisarmos a recepção do público aos vídeos produzidos pelos canais, levaremos em conta o número de visualizações, os *likes* e *deslikes* e os comentários nos vídeos analisados. Abaixo temos os vídeos com o maior número de visualizações do *Historiar-se* e *Historiô*. Vale ressaltar que estes números crescem frequentemente, fazendo que alguns vídeos ultrapassem o número de visualização de outros. Dados coletados em 19 de março de 2020.

Quadro 23 – Recepção do público *Historiar-se*

Vídeo	Visualizações	Gostei	Não gostei	Comentários	Duração
O Brasil paralelo produz História?	12 mil	914	407	311	21:10min
BNCC e Ensino de História: o que muda?	9 mil	890	460	89	20:07 min
Capitalismo, Igreja e o Corpo feminino	6 mil	640	240	5	22:36 min
Onde estão os gays na História?	1 mil	111	10	1	14:33 min
Ainda faz sentido ensinar História?	1 mil	117	2	1	09:17 min

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiar-se*

Quadro 24 – Recepção do público *Historiô*

Vídeo	Visualizações	Gostei	Não gostei	Comentários	Duração
#ep:05 - a história de Bella Ciao de La Casa de Papel canal historiô	4 mil	78	18	78	05:16
#ep:10 - monge João Maria: uma história de religiosidade popular canal Historiô	1 mil	63	2	0	04:40 min
#ep:04 - um crime em ponta grossa: a história de Corina Portugal canal Historiô	950	84	7	1	06:11 min
Episódio 8 - A história da cachaça	917	69	3	2	28:58 min
#ep:07 - 5 mitos sobre a Ditadura Militar canal Historiô	524	58	6	7	24:13 min

Fonte: Produzido pela autora a partir dos dados disponibilizados no canal *Historiô*

Estes vídeos foram produzidos de março de 2019 a fevereiro de 2020. Como visto na tabela acima, as temáticas que fazem mais sucesso nos canais são de História e Política e História e Gênero, Ensino de História, História e religiosidade e História Regional e Local. Porém ao trabalharmos com *Youtube*, devemos levar em consideração seu algoritmo e a forma como é recomendado os vídeos para os usuários, de acordo com Icles.

Disposto a manter seus usuários pelo mais longo tempo possível no *site* para, com os dados de audiência, pleitear anúncios e gerar receita, O Youtube recomenda os vídeos para seus usuários com base na suposta afinidade entre um conteúdo visto e o conteúdo a ser recomendado. (ICLES, 2019, p.88)

Além de selecionamos os vídeos com maior número de visualizações, iremos deter nossa análise aos comentários, pois a história pública digital deve ser “feita para o público e com o público” (CARVALHO, 2016). Portanto, os produtores dos canais ao publicarem um vídeo, devem levar em consideração os comentários e se possível responde-los, criando uma proximidade com seu público e a produção de novos conteúdos a partir destas demandas.

O vídeo “Brasil Paralelo Produz História?” publicado no dia 23 de março de 2019, apresenta um número expressivo de comentários, “gostei” e “não gostei”, isso se deve as eleições para Presidente da República em 2018, em que as disputas ideológicas estavam em evidencias. Esse assunto gerando muitos comentários no vídeo, selecionamos alguns para análise:

Olímpio Augusto: “Ótimo vídeo professor. Só gostaria que se analisasse (e se assumisse) é que não é somente o marketing agressivo que faz que o Brasil Paralelo tenha um público crescente: é no fato de que eles já perceberam que a linguagem acadêmica, áspera por natureza, é inacessível ao povo em sua maioria. E investem pesado no uso de uma linguagem cotidiana, de modo que seus videos correm do início ao fim sem ser necessário o apoio de um dicionário. Enquanto a esquerda, a academia, os progressistas, não se adaptarem aos novos tempos e readaptarem seu discurso, a situação só vai piorar. Repito: só vai piorar.”

Historiar-se: “Então, Olímpio, o Historiar-se é justamente uma tentativa de trazer nossas discussões da forma mais didática possível para o youtube. Quem sabe podemos ajudar a virar a maré? :)”

Este é o único comentário que o *Historiar-se* respondeu e os elogios eles reagiram “curtindo”. A maioria são ataques, defendendo politicas negacionistas, conservadoras e xingamentos ao entrevistado e aos produtores do canal. O *historiar-se* optou por não responder a estes ataques e não desativou os comentários.

O comentário acima do Olímpio Lima, não é um ataque, mas a visão do que vem ocorrendo nas mídias sociais, a direita conservadora ocupando estes espaços e o falseamento, distorção e análises equivocadas dos períodos históricos. Por isso o *Historiar-se* tem abordado esse tipo de temática em seu canal.

Devido a sua possibilidade de interação com o público proporcionada pela plataforma, o entrevistado Fernando Nicollazi, buscou responder ao comentário do usuário Olímpio Lima. Nicollazi propõe uma reflexão muito interessante, pois não se trata apenas dos historiadores produzirem ou não conteúdo nas mídias sociais, tem algo além, no caso do Brasil Paralelo a crise política que o país enfrentava e a linguagem acadêmica não deve ser vista com um problema, pois o historiador que está disposto a produzir conteúdo nas redes social, sabe da importância de adequar a linguagem para cada tipo de plataforma.

No vídeo “BNCC e Ensino de História: o que muda?” chama a atenção devido ao seu número de curtidas, com 890 “gostei” contra 460 “não gostei”, pois, a maioria dos vídeos do Historiar-se tem uma quantidade baixa de dislike. A maioria dos comentários são elogios ao vídeo e profissionais da educação concordando com a crítica levantada pelo Carlos Eduardo.

Contudo, muito dos comentários dos usuários é sobre a fala do Carlos Eduardo de que a BNCC tem um foco em formar pessoas para o mercado de trabalho, não sendo um currículo preocupado com o senso crítico do estudante e sendo capaz de refletir e opinar em diversos assuntos da sociedade. Alguns comentários e a resposta do canal:

Como dito anteriormente, não sabemos se os usuários assistem o vídeo por completo, criando a dúvida se eles entenderam o assunto abordado ou não, pois algumas críticas são pautadas nas experiências individuais, xingamentos aos produtores e frases como “comunista”, “esquerdista”, “doutrinador” são recorrentes nos vídeos do canal.

Em “capitalismo, igreja e o corpo feminino - livro o Calibã e a Bruxa” novamente muitos elogios a forma como foi produzida a resenha, algumas pessoas interessadas em adquirir e outras presentear os amigos com o livro por terem gostado da resenha. Neste vídeo o Historiar-se não apenas curtiu os elogios como respondeu agradecendo o carinho do público. Em outro comentário, o usuário criticou a autora da obra por achar que se tratava de uma questão pessoal e não um período histórico. Apesar de Anita Carneiro ter explicado este ponto no vídeo, o usuário pode ter dúvidas ou não ter compreendido a análise, portanto a forma como foi respondida a dúvida é fundamental para que esclareçam e o público de sua opinião.

“Onde estão os gays na História?” os títulos de vídeos que começam com uma pergunta despertam a dúvida no público, sendo um ótimo mecanismo para atrair o seu

interesse. Afirmações ou frases contraditórias também são bastante utilizadas em diversos vídeos no *Youtube*. O Prof. Dr. Benito Bispo Schmidt do departamento de História da UFRGS é o convidado do canal para falar sobre o assunto. Neste vídeo, Schmidt discute os avanços da historiografia mundial em relação a sexualidade dos indivíduos.

Na data em que os dados foram coletados, este vídeo tinha apenas um comentário sugerindo um ajuste no volume da vinheta. Realmente o volume da vinheta estava muito alto em relação a fala do entrevistado, sendo corrigido nos próximos vídeos. Observamos neste caso, que o usuário pode colaborar com a melhoria do canal, não apenas pontuando questões do vídeo, mas opinando sobre o formato e sua edição.

O vídeo “Ainda faz sentido ensinar História?” temos a entrevista com a Prof.^a Dr.^a Caroline Pacievitch (FACED-UFRGS) falando sobre o ensino de História e sua relevância nos dias atuais. Temos um número alto de visualizações, porém um único comentário, que se trata de um elogio a fala da professora e o *Historiar-se* apenas curtiu. A discussão proposta pela Pacievitch, nos mostra que vale a pena ser professor de História e das múltiplas formas de se trabalhar esta disciplina em sala de aula e despertar o interesse dos estudantes.

No episódio “A história de Bella Ciao de La Casa de Papel - canal historiô” sendo o vídeo com maior número de visualizações e comentários do canal. O *Historiô* apenas curtiu os comentários e respondem apenas um. Notamos que a maioria dos comentários são dos seus estudantes, pois os produtores além de produzirem vídeos são professores na rede básica de ensino.

O primeiro comentário é um tom de brincadeira com o Felipe Soares que responde no mesmo tom. O segundo comentário é uma dúvida, que poderia ter sido respondida pelos historiadores, pois se tem muitas confusões do que de fato era o comunismo e se existia outras formas de organização da classe trabalhadora na Itália. O terceiro comentário é uma contribuição sobre a origem da música, por não temos a resposta do *Historiô* não sabemos se eles sabiam desta informação e se confirmam ou não este fato.

Na data em que foi realizada a coleta de dados o vídeo “Monge João Maria: uma história de religiosidade popular-canal Historiô” não possuía comentários. “Um crime em ponta grossa: a história de Corina Portugal - canal Historiô” em que aborda a história uma personagem muito importante em Ponta Grossa, trazendo uma reflexão sobre a violência

contra mulher e como a sociedade lidou com isso na época e qual repercussão do caso nos dias atuais.

Temos dois comentários no vídeo que não foram respondidos pelo *Historiô*, apenas o segundo comentário do História recente foi curtido pelo canal. O primeiro comentário, pode ter sido feito, devido a Corina Portugal ser considerada uma santa milagrosa na cidade, pessoas de diversos lugares vão ao seu tumulo fazer orações e pedidos, dessa forma, diversas histórias são relacionadas ao seu nome. O *Historiô* poderia ter respondido e falado das crenças e narrativas criadas, pois faz parte da cultura popular.

O episódio “A história da cachaça” trata-se de uma entrevista com Thiago Moro produtor de cachaça e amigo pessoal dos produtores do canal. Moro irá tratar da história da cachaça, uma bebida brasileira, desde sua criação no período da escravização até os dias atuais, ele também explica a diferença desta bebida para outras. A gravação ocorre em um bar (não é informado o nome) localizado em Ponta Grossa.

Com dois comentários, elogiando o entrevistado e a forma como ele abordou a temática, mesmo não sendo formado em História Thiago Moro, demonstra um domínio sobre o assunto, desde o processo de elaboração da cachaça, a sua história e as crenças populares que se tem sobre esta bebida. Portanto, ao convidar um especialista em bebidas para o programa, o *Historiô* trabalha com a perspectiva da história pública digita da interdisciplinaridade.

A última análise e o vídeo “5 mitos sobre a Ditadura Militar - canal Historiô” que convida Prof. Dr. Luis Fernando Cerri, criador do canal “História Recente” que vai desmitificar alguns mitos que envolvem a ditadura militar, temática abordada devido a greve dos caminhoneiros ocorrida em 2018 e os pedidos de intervenção militar no país. Este vídeo é uma parceria dos canais, Cerri convinda a Juliana Gelbcke e o Felipe Soares para falarem sobre a intervenção militar no canal dele. A possibilidade de fazer parceria com outros canais de história contribui para troca de experiencias, um ganho de novos seguidores para o canal e abordar novas temática a parti das pesquisas e interesses desses historiadores.

Os comentários são elogios e alguns alunos elogiando os professores. Isso nos mostra que os produtores comentam com seus estudantes sobre a existência do canal, divulgando em sala de aula para que eles conheçam o projeto.

A forma como os canais lidam com seu público se difere bastante, o *Historiar-se* tem a preocupação em responder enquanto o *Historiô* não realiza esta função. A diferença do número de visualizações também nos chama a atenção, pois ambos os canais tratam da história pública.

O *Historiar-se* criou o canal em julho de 2018 e postou seu primeiro vídeo somente em março de 2019 e o *Historiô* criou sua conta do canal em novembro de 2017 postando seu primeiro vídeo em fevereiro de 2018, ou seja, a diferença da postagem do primeiro vídeo é de um ano e um mês. E podemos questionar os motivos que levaram o *Historiar-se* se destacar no número de visualizações em relação ao *Historiô*.

Se pensarmos nas propostas abordadas no canal, o *Historiô* trata de um assunto bem delimitado, que é apresentar a história de Ponta Grossa-PR a partir de entrevistas, documentários e visitas a diferentes locais, se pensamos nos algoritmos do *YouTube*, o canal será recomendado para quem buscou este tipo de conteúdo na plataforma.

Historiar-se trabalha com diferentes assuntos do campo da história e utiliza formatos variados para sua divulgação como as listas, comentários e análises história. Não ficando restrito a um único tema. Portanto, seu conteúdo vai ser recomendado para os usuários interessados em assuntos relacionados a História. Um canal que aborda um único assunto, mesmo que em formatos variados, não vejo como problema, pelo contrário, focar em um tipo de assunto possibilita criar inúmeros conteúdos, tornando o canal uma referência naquela área. A questão é a própria plataforma que acaba prejudicando o alcance dos vídeos e o interesse do público, como aponta Icles.

Nossa experiência com o Youtube nos leva a acreditar que, ainda que o alcance de certas iniciativas possa ser limitado e que a própria característica do espectador na Internet como sujeito ativo na busca por conteúdo (excluindo ou não dando ouvidos ao que lhe desagrada) traga limitações difíceis de serem superadas, há, sim, suficiente campo a ser explorado nesse tipo de empreitada. (ICLES, 2019, p.91)

Outro fator importante para o alcance do público e trabalhar com as multiplataformas, o *Historiar-se* vem fazendo isso, divulgando seu conteúdo e outras redes sociais, o *Historiô* não possui outras redes sociais, tornando sua divulgação apenas nos espaços escolares como percebemos nos comentários dos vídeos.

As atividades realizadas pelos canais na divulgação de história, promove o conhecimento de novos sujeitos, espaços e suas experiências ao longo do tempo, não

simplificando o conhecimento histórico, mas difundi-lo com rigor teórico-metodológico e uma perspectiva crítica, além de mostrar transparência e integridade na abordagem do assunto, “mais do que entender conteúdo histórico, é preciso que o público entenda o motivo pelo qual nem tudo se encerra no campo da “opinião”, e que nem todas as narrativas são válidas” (RODRIGUES,2019).

4- CONCLUSÃO

A internet pode ser compreendida como um espaço de fluxos de informações que ultrapassa as barreiras geográficas e permite uma rápida comunicação. Esta transformação mudou o cotidiano da sociedade, transformando o modo como nos relacionamos, trabalhamos, realizamos compras e nos divertimos.

A historiadora Anita Lucchesi em seu texto “Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital” discutir a importância do advento das tecnologias de informática no campo da comunicação e da informação tem se tonado algo recorrente na sociedade contemporânea, uma vez que estas transformações estão presente na vida de muitos indivíduos. Com o rápido avanço dos computadores e da internet, muitos historiadores(as) tem repensando o seu ofício, ou seja, passaram a utilizar estas ferramentas em suas pesquisas, pois se tem um vasto acervo em plataformas digitais, facilitando em sua pesquisa e no acesso as fontes.

No Brasil, o lançamento do *YouTube*, foi no período em que o acesso a internet era por banda larga, principalmente nos grandes centros urbanos, limitando o acesso da população. Com o passar dos anos e os avanços da tecnologia, o acesso a internet no país foi aumentando e o *YouTube* se tornou um fenômeno, sendo uma plataforma bastante plural e com conteúdo diversos.

O interesse público pelo passado tem aumentando nos últimos anos, principalmente com o acesso à Internet e o surgimento das redes sociais, fazendo com que os sujeitos tenham a possibilidade de criar conteúdo, publicar e interagir com outros usuários. Com afirma Ricardo Santhiago:

Com o aguçamento de demandas sociais de demandas sociais por história e memória, a disseminação de recursos tecnológicos e, por fim, a popularização da Internet, as formas adquiridas pelo chamado “espírito público da história” se multiplicaram, pouco ou nada dependendo da instituição de um campo formalizado de debates (SANTHIAGO, 2016, p.24)

Desta forma, as dificuldades que encontramos nos espaços virtuais para divulgação de História, pois sua existência é orgânica e continua, sempre haverá problemas em produzir conteúdo na internet, sendo necessário pensar em novas estratégias para alcançar este público, como nos historiadores podemos levar o

conhecimento acadêmico para além dos muros da universidade e ocupar os espaços virtuais.

Importante levarmos em conta, que a ocupação destes espaços deve ser realizada pensando no seu público-alvo, ou seja, que eles compreendam a importância do método científico na análise de fontes e contextos histórico e a complexidade dos debates em torno de determinadas temáticas.

O *YouTube* se torna uma possibilidade para quem deseja trabalhar com a divulgação de História. Ainda que o alcance de certos canais seja limitado, devido aos algoritmos da própria plataforma e o interesse do público por certos conteúdos, acreditamos que é possível o historiador criador conteúdo neste ambiente. Nesse sentido, os canais *Historia-se* e *Historiô*, tem atuando na criação de conteúdo, trabalhando com temáticas e formatos diversos.

Com o *Historiar-se* podemos observar temáticas bem gerais, que vão desde pesquisas acadêmicas ou assuntos em pauta na sociedade, buscando trazer especialistas que estudam sobre o assunto ou os próprios produtores do canal abordam determinados temas. A proposta do *Historiô* se diferencia, pois, suas temáticas contam a história de Ponta Grossa e região. Através dos seus sujeitos, patrimônios, pontos turísticos, espaços religiosos e festas típicas.

Podemos observar algumas limitações técnicas na produção dos vídeos, como a falta de uma boa iluminação ou qualidade na captação do som, o que pode atrapalhar no alcance do público, portanto, quem pretende trabalhar com a divulgação de História nas redes sociais precisa investir em equipamentos ou realizar um financiamento coletivo. No *Historiar-se* por conta do “padrim” tem sido possível adquirir novos equipamento e o *Historiô* conta com a parceria e o patrocínio de instituições públicas ou privadas para realização dos documentários.

Não apenas o investimento em equipamentos, mas o formato e a temática dos vídeos são fundamentais. Ambos os canais possuem abordagens parecidas e outras distintas, mesmo se tratando da divulgação de História, o produtor de conteúdo pode escolher qual formato e temática está de acordo com seus objetivos.

Além disso, ao tratar de assuntos políticos os vídeos tem muito alcance de visualizações e comentários elogiando ou atacando os produtores do canal, sendo esse

tipo de conteúdo bastante sensível e o historiador(a) deve transmitir a informação de maneira que o público entenda a crítica, sabendo diferenciar a análise de uma simples opinião.

Desta forma, nas redes sociais percebemos uma atuação de profissionais formados em História e de outros que são apenas entusiastas na área e utilizam deste espaço para divulgar alguma temática de interesse. A questão que fica sobre a produção destes conteúdos produzidos por sujeitos sem o conhecimento do ofício do historiador, muitas vezes acabamos nos deparamos com conteúdo de História com erros anacrônicos, usos de estereótipos, falsificações históricas, má interpretação do que seria didática, imprecisões nos acontecimentos e até mesmo mal-intencionados, acabam gerando inúmeras discussões sobre que fato deve produzir este tipo de informação.

Ocupar estes espaços tem se tornado de extrema importância para o historiador e acompanhar as mudanças provocadas pelos fenômenos da *web 2.0* que tem crescido nos últimos anos. Além disso, esse público mais amplo tem a possibilidade de interagir e dialogar a partir do conteúdo apresentado, envolvendo a sociedade de maneira a contribuir com as pesquisas historiográficas.

Este profissional deve estar antenado a esta nova realidade, que proporciona facilidades de acesso a suas fontes e ampliação dos debates para além dos muros acadêmicos. Vale ressaltar, que o historiador não precisa ter um total domínio sobre as novas ferramentas tecnológicas ou edição de vídeos, programação ou a criação de sites, pois ele pode trabalhar de maneira conjunta com outras áreas, auxiliando no desenvolvimento do seu projeto de pesquisa, muitas vezes um conhecimento prévio da plataforma já é o suficiente para o andamento do seu trabalho.

Portanto, refletir sobre os desafios e possibilidades do uso dos recursos digitais para divulgação de história é de grande relevância. Lidar com a multiplicidade de sujeitos e narrativas presente nas mídias sociais e como estas narrativas do passado vem sendo construídas e divulgadas nestes espaços e como o historiador público digital pode contribuir com a sociedade.

5 - REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; DE OLIVEIRA ROVAI, Marta Gouveia. Apresentação. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; DE OLIVEIRA ROVAI, Marta Gouveia. Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2005.p. 439-440

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo.” Transversos. Revista de História, v.07, n.07, set.2016. Rio de Janeiro.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “Faça aqui seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. Revista História Hoje, v.3, nº5, pp.165-188. 2014. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/126/100>

HISTORIAR-SE. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKVIyaBSCSeEK5d-TL67pvQ>. Acesso em: 13/02/2020

HISTORIÔ. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC4T6DqP1ne4E44IPjM-pBUg>. Acesso em: 13/02/2020

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 27-28

LUCCHESI, Anita. “História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública.” XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013. Disponível: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf

LUCCHESI, Anita. “Por um debate sobre História e Historiografia Digital” Grupo de Estudos do Tempo Presente. Boletim Historiar, n. 02. Mar./abr. 2014, p.45-57. Disponível: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2127/1850>

MALERBA, Jurandir. “Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital.” Revista Brasileira de História. V.37, nº74, 2017.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201>

NOIRET, Serge. “História Pública Digital”. Liinc em Revista, v.11, n.1, p.28-51, maio 2015, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Icles. História no Youtube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. História Pública e divulgação de história. São Paulo. Letra e Voz, 2019

SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa. São Paulo: Cia das Letras, 2009 (10ª reimpressão).

TAVARES, Celia Cristina da Silva. “História e informática”. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.